

(Vem da página 7)

nessa sociedade. Mas, não era como hoje – motivo de desprezo, de utilização da mulher – mas, sim como um aspecto do desenvolvimento que, ante a falta de cultura, de literatura, de arte e ciência, se dava por esta via.

Na sociedade árabe, na Líbia em particular, como também no Egito, essa é a base essencial: a mulher é um instrumento do sexo. E não instrumento do homem, mas instrumento do sexo, como era antes na China. Esta sociedade criada pela Revolução na Líbia elimina isto: a mulher já não é nem instrumento do sexo, nem do homem. É um progresso da Líbia. E os capitalistas dizem: “Vejam, eles põem calças compridas nas mulheres!”. Mas, não falam do imenso progresso feito em poucos anos.

A criança na Líbia já forma parte da sociedade. Antes era um objeto, onde o adulto reclamava que tinha que tomar conta da criança. Agora, ela está incorporada à sociedade. Ao mesmo tempo em que passam da limitação da concepção religiosa, limitação muito grande (não do islamismo, mas da concepção religiosa) à abertura, ao desenvolvimento das idéias. O que movem estes movimentos tipo Líbia são as idéias, e não a concepção religiosa. A concepção religiosa monopoliza e monolitiza o progresso do ser humano a certas regras que vêm da relação com os deuses. O desenvolvimento social supera isto; não a derruba, nem a liquida, mas a supera. E o ser humano vai elevando sua compreensão social, científica; por meio do amor humano vai elevando sua compreensão social, científica e superando a concepção religiosa. Não vão ficar se queixando: “Ah, tantos anos dedicados a Deus!”, mas vão concluir: “É, são etapas da história humana: foi assim por causa da propriedade privada”.

Isto está ocorrendo na Líbia e este processo está preparando uma elevação do islamismo. Não significa liquidar o islamismo e sim, superá-lo através da concentração das idéias de progresso e justiça social que o islamismo possui, e que são muito boas. Algumas das suas concepções são assim, muito mais que na religião católica, porque esta já serviu à classe que dirigiu o mundo capitalista. O islamismo tem uma série de concepções de progresso, que grupos dirigentes como os sultões acabaram pondo a seu serviço.

A Líbia está passando por este processo. Antes era um país que não era nada. Se antes da revolução alguém perguntasse o que era a Líbia não se sabia nem onde se localizava. Hoje, ao contrário, a Líbia significa Khadafi, e Khadafi significa antiimperialismo, desenvolvimento, ser



Refinaria conjunta Venezuela, Irã, Síria e Malásia, em Homus (Síria)

amigo da Urss, apoio à revolução. E tudo isso está se desenvolvendo com o sentimento muçulmano. Não é o primeiro caso. Foi a Urss quem primeiro protagonizou o enorme progresso dos muçulmanos e os incorporou à revolução, e estes, sem deixarem de ser muçulmanos, antes de tudo, eram soviéticos, depois muçulmanos.

O progresso social das massas líbias convergirá em medidas mais profundas

A Líbia está fazendo um imenso progresso. Antes não passava de um harém com o solo cheio de petróleo. Começou a ter algum significado a partir disto, pois antes não era nada, era um deserto. A pior parte do deserto coube a ela. E a Líbia não tinha nenhum poder. Desse deserto, uma equipe de militares acompanhados de civis (pois não eram apenas militares) teve a decisão de fazer este esforço que faz parte do progresso da revolução mundial. Ela não era nada antes. Fazem o que fazem, não para eles mesmos ou para o islamismo, e sim, para preparar as condições para um futuro salto rumo a medidas socialistas. A experiência das massas indica que dirão: “Bom, agora está faltando isto...”, ou seja, a programação, a planificação, o desenvolvimento de indústrias, o desenvolvimento hídrico, a aliança com os Estados operários e o apoio incondicional a toda revolução, como faz Khadafi, ainda que de forma um pouco inconsequente, pois ele não tem partido.

O processo na Líbia é um dos acontecimentos mais elevados da História, porque é a forma como o progresso da revolução, sem partidos comunistas, penetrou nos países árabes. A Líbia não tinha Partido Comunista, e quem era de esquerda era morto. Mas, mesmo sem Partido Comunista, a revolução chegou aí através da influência sobre uma camada militar. Este processo mostra a forma como se dá a história: os países mais atrasados do mundo alcançam as formas mais elevadas de progresso devido à relação mundial de forças. Quando existe este nível é porque a necessidade de progresso se impõe e se baseia em um exemplo. Por isso a Líbia pôde passar de uma ditadura de sultões ao desenvolvimento de Estado Revolucionário rapidamente.

O petróleo da Líbia é uma “riqueza” para o mundo capitalista, portanto uma fonte de progresso. Mas quem deu o uso para o progresso foi o programa revolucionário.

Este processo aí foi precedido pelo Egito, através de golpe contra o rei Faruk em 1952. O Egito antes tinha um regime quase igual ao da Líbia. O golpe da Líbia foi estimulado e impulsionado pelo progresso do Egito. Daí se conclui que as condições mais adversas criadas pela religião são superadas pelo progresso revolucionário, porque este não rechaça a religião, e sim, avança na necessidade de compreender a função insubstituível da economia, da sociedade e das relações humanas; portanto, adapta a religião a este processo. A revolução não rechaça, não combate, nem se opõe à religião, mas vai criando condições para que ela desapareça. Com o desenvolvimento da revolução, a religião não encontra ponto de apoio e vai sendo superada pela consciência das pessoas. E sem que as massas abandonem seus conceitos ou crenças religiosas, submetem-nas às necessidades do progresso social.

O apoio soviético impede que o imperialismo sufoque estas revoluções

É isto que mostra a Líbia de forma terminante, pois sendo um país pequeno, sem nada, era um sultanato, pôde progredir a formas muito elevadas. Enquanto que nos outros países árabes não ocorreu isso o mesmo, porque não se deram condições de combinação de base social e militar para impulsioná-los. Em dois países do Oriente Médio (Iraque e Egito) aconteceu isto. Eles tinham o exemplo da Argélia que se libertou do imperialismo francês e deu um exemplo claro e terminante. Tinham também o exemplo do apoio dos soviéticos a todo processo de libertação. E a vontade combativa e vigorosa destes camaradas militares que dirigiram a libertação da Líbia, Egito e Argélia, estava baseada no apoio soviético e na experiência feita no capitalismo que já havia perdido a força e a capacidade histórica de conter o progresso.

A represa de Assuan (3) foi um impulso muito grande a todo o mundo árabe. Mostrou que a Urss, à custa de um enorme esforço e de uma grande inversão como foi a represa de Assuan, impulsionava o progresso da história. Ao mesmo tempo em que impulsionava a própria Urss. Por isso, o capitalismo mundial comandado pelos ianques e pelos ingleses, matou Nasser através de Sadat. Mataram Nasser no Egito, mas nasceram outros em outros lugares. A morte não é estática, a morte faz nascer outras vidas.

É muito importante compreender este processo, porque não existe educação do movimento comunista sobre esses problemas. Os soviéticos, sim, tendem a basear-se nesta compreensão, pela necessidade objetiva da sua existência. Os soviéticos investiram uma quantidade enorme de dinheiro e de tempo no Egito e, Sadat, agora, não paga nada e crê com isto que vai continuar vivendo. Mas, Sadat é um morto que trata de aproveitar os últimos dias de vida que lhe restam; é um homem degenerado que não produz uma idéia; tem, particularmente, um espírito assassino contra o progresso da população. Mas, ainda que tenha que matar, matar, matar e matar, e proibir a vida em seu país, tem que depender da ajuda, dos investimentos ou das propinas dos ianques para continuar vivendo. Nasser se dava ao luxo de exportar a revolução; pagava para exportar a revolução. Ao passo que Sadat vive submetido aos ianques, que lhe dão empréstimos e vendem-lhe armas por milhões de dólares para impedir o processo revolucionário em todo o mundo árabe e em outros lugares. Querem que todos capitulem diante de Israel, enquanto que Khadafi impulsiona a revolução em todos os lugares.

J. Posadas
20 de abril de 1981

- (*) A revolução foi em 1º de setembro de 1969
- (1) Refere-se à ruptura das relações diplomáticas dos Estados Unidos com a Líbia, e que foi dado um prazo de “5 dias para que a Líbia retirasse seu corpo diplomático dos Estados Unidos”
- (2) General que assumiu o governo depois do golpe militar de direita no Brasil em 1964
- (3) Projeto realizado pela Urss no Egito a partir de 1958 durante o governo nacionalista de Gamal Abdel Nasser.

Expediente

“Revolução Socialista”

Órgão da Corrente Posadista do PT –
Regulamentada junto ao Diretório Nacional
Continuação do Jornal “Frente Operária”, fundado em 1953.
Diretor Responsável :
C.A. de Almeida – Reg. Prof. 049/ SP
E-mail: revsocialista@yahoo.com.br
Página Web:
www.revolucao-socialista.com
Caixa Postal: 6275 - Brasília (DF)

Brasília DF
Circulação interna ao PT

(continua na página 2)

Revolução Socialista

“Sem a luta pelo socialismo, a vida não tem sentido” (J. Posadas) Ano 12 – Nº 29 – Março 2011 – R\$2,00

EDITORIAL

Os primeiros passos do governo Dilma

Os primeiros dois meses do governo Dilma revelam uma conjuntura política na qual fica mais claro, tanto o processo de debilitamento da oposição conservadora, como as possibilidades concretas para que sejam aprofundadas as medidas iniciadas no governo Lula com o sentido de resgatar, mais rapidamente, a imensa dívida social que sacrifica duramente grandes parcelas do povo brasileiro.

Entre os sinais de debilitamento encontram-se as derrotas da oposição conservadora no Congresso, revelando, concretamente, que o governo poderia ter mais audácia em uma série de pontos cruciais para sustentar um curso de transformações sociais necessárias e urgentes, sem as quais, o Brasil poderá seguir figurando como um dos países de maior desigualdade social no mundo. Simbolizando a selvageria desta desigualdade, pesquisa recente indicou o crescimento de homicídios entre jovens negros.

É também um sinal evidente da debilidade da direita as erráticas escolhas editoriais feitas pela mídia comercial com o claro intuito de tentar fabricar uma ruptura ou mudança de linha entre Dilma e Lula – sem perder a chance de criticar Lula – o que de fato não ocorre. Ao contrário, a eleição de Dilma e as condições em que inicia o seu governo, com expressiva maioria parlamentar, revelam exatamente a aspiração da maioria esmagadora do povo brasileiro para dar seguimento àquele linha de desenvolvimento com distribuição de renda iniciada no governo Lula. Porém, com muito mais intensidade e audácia,

(continua na página 2)

Líbia: É imperativo impedir a intervenção militar imperialista!

Nos últimos meses o mundo tem presenciado uma enorme rebelião social no Oriente Médio, desde a Tunísia ao Egito, com a queda de ditaduras decenais, correias de transmissão do império neoliberal norte-americano e europeu e suas corporações petrolíferas e financeiras, que haviam mantido a maioria da população destes países sob repressão, carestia e uma distribuição extremamente desigual das riquezas. Um movimento popular que tem a força de um vulcão e que recoloca na pauta as tradições do nacionalismo revolucionário árabe e do movimento islâmico progressista, reduzindo a cacofonia toda a geografia de dominação do imperialismo na região.

Apesar da instalação da nova junta militar de governo no Egito, com fins indefinidos, não resta dúvida de que a queda de Mubarak no bojo de imponentes manifestações de massas representa um golpe ao imperialismo, e abre a brecha para o ressurgimento revolucionário que pode se estender em toda a região, do Yemen, à Argélia ao Bharein. Afinal, o regime de Mubarak era o principal aliado dos EUA e de Israel na região

O nacionalismo revolucionário nos anos 50 contou com forte aceitação popular com Nasser no Egito, com Ben Bella na



O povo líbio tomou as ruas para defender o Estado revolucionário líbio e o governo de Khadafi

Argélia, e hoje encontra expressão no Irã, sob a liderança de Ahmadinejad, com o resgate do nacionalismo de Mossadegh, na resistência palestina, na guerrilha do Hezbollah do Líbano. A diáspora do nacionalismo revolucionário derivada da derrota da ex-Urss havia isolado as massas árabes e persas sob um rígido sistema neocolonial, sustentado

com o tação nuclear do baluarte do império na região, o Estado de Israel. Tudo isso está em questão.

Nesse contexto o Irã tem exercido um importante protagonismo político, coordenando a insubordinação econômica contra o FMI, denunciando a emissão de dólar sem lastro e estimulando instrumentos de união, mercados e infra-estruturas interligadas com o Iraque, a Turquia, Armênia, Azerbaijão, Rússia, Afeganistão, Paquistão Índia, e o Hamas do governo palestino; e estabelecendo acordos com Brasil e Turquia para a

A revolução na Líbia e o processo de transformação social

J. Posadas
(página 6)

(continua na página 3)

EDITORIAL

(Vem da página 1)

já que Lula teve que enfrentar uma adversidade quase que permanente no Congresso, sendo obrigado a inúmeras concessões, que o impediram, certas vezes, de aprofundar muitas das políticas sociais e econômicas indispensáveis para tirar o povo brasileiro da miséria em que ainda se encontra, apesar de todas as conquistas de seu governo.

Também expressando o debilitamento dos conservadores pode-se citar a tentativa midiática de fabricar crises entre as centrais sindicais e Dilma, sobretudo na questão do salário mínimo. Se bem os especialistas mais progressistas apontam para a possibilidade de um reajuste maior do que o concedido - houve arrecadação recorde - a direita foi a grande derrotada porque o que ela menos queria era uma política permanente de recuperação do salário mínimo, com um mecanismo de indexação como o aprovado. E a recente reunião de Dilma com centrais sindicais mostra não uma crise, mas uma possibilidade de participação programática organizada dos trabalhadores nas políticas de governo. Pior para a direita, a aprovação desta lei do salário mínimo soa como ameaça, revelando também as condições para a aprovação, por exemplo, de uma nova CPMF, grande temor da oligarquia financeira, por constituir-se em mecanismo de controle de parte de seus movimentos financeiros, que ela quer sempre manter às sombras.

No entanto, esses e outros sinais de debilidade da direita não encontram do lado do governo, até o momento, uma decisão política para implantar medidas que sigam sustentando o crescimento econômico e o aumento da massa salarial, com a conseqüente ampliação do consumo para as camadas mais pobres. Ao contrário, o corte de 50 bilhões de reais do Orçamento, acompanhado de declarações categóricas do Ministro da Fazenda de que é preciso reduzir o crescimento para no máximo 5 por cento, simbolizam uma decisão de estender e não questionar os indecentes privilégios do setor financeiro, o único interessado num crescimento raquítico da produção e do consumo.

Durante o governo Lula também houve momentos em que alas mais sensíveis aos ditames do setor financeiro tentaram reduzir os planos econômicos de crescimento, sobretudo quando Palocci esteve à frente do Ministério da Fazenda, mas também com Guido Mantega. A intervenção de Lula na época foi decisiva para a opção por uma linha de crescimento mais acelerado, o que é rigorosamente justificável e necessário, pois um país com as carências de infra-estrutura, de emprego, com as desigualdades regionais ainda acintosas, tem urgência de um crescimento mais arrojado

Revolução Socialista

com base a ações de estado. Basta lembrar das tragédias anuais vividas com a população pelas chuvas, como no Rio de Janeiro e agora no Sul, resultado de falta de obras urgentes de infraestrutura e habitação, para o que se requer crescimento acelerado nesse setor, para salvar vidas dos mais pobres.

Provavelmente seja esta a grande discussão a ser feita no interior do PT e dos sindicatos que dão sustentação ao governo: é possível alcançar as metas de erradicação da miséria anunciadas pela própria Presidenta Dilma em seu discurso de posse sem uma ação estatal mais



Presidenta Dilma se reúne com dirigentes sindicais no Palácio do Planalto

determinante? O que se verifica, no entanto, é uma pobre vida política no interior do PT, sem funcionamentos de núcleos, sem a participação concreta do partido e de sua militância na discussão sistemática e regulamentar das políticas de governo, seja no plano nacional ou estatal. Vale mencionar que o governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, está buscando inaugurar mecanismos de participação mais direta da militância e da população na formulação e na avaliação das políticas de governo. Este exemplo deve ser acompanhado.

Seria fundamental que os partidos, os sindicatos, os movimentos sociais atendessem ao chamado feito por Dilma para a apresentação de propostas que combatam a miséria extrema, e organizassem um grande Forum Nacional de Debates sobre este desafio convocando amplos setores, dos sindicatos à universidade, do clero progressista aos militares nacionalistas, dos intelectuais e artistas aos movimentos sociais. Entre elas destacamos propostas que corrijam os problemas apresentados pelo Plano Nacional de Biocombustíveis e também do Plano Nacional do Alcool, que, na prática, impedem rigorosamente a incorporação da agricultura familiar e dos sindicatos e cooperativas rurais, com condições inalcançáveis para este setor. O resultado é evidente: o programa de biocombustíveis não tem conseguido incorporar os pequenos produtores e está praticamente sob o comando das quatro maiores multinacionais da soja no Brasil. No caso do álcool-etanol verifica-se algo semelhante, com o agravamento de uma crescente desnacionalização do setor, tendo, como mais recente capítulo, compras de grandes empresas produtoras de etanol brasileiras pela Shell e pela

British Petroleum, enquanto o governo não chegou ainda a uma conclusão para editar uma lei que barre esta investida do capital estrangeiro. Enquanto o etanol vai se desnacionalizando, transformando esta questão em tema de soberania nacional, um imenso potencial para o desenvolvimento da produção descentralizada de etanol por meio de mini-destilarias combinadas com o estímulo ao multi-cultivo, em contraposição à monocultura, incorporando pequenos municípios, agricultores familiares cooperativas e até por assentamentos da reforma agrária, vai sendo deixado de lado, em que pese sua expressiva capacidade de gerar

renda, milhões e milhões de emprego, autonomia energética e fator de fortalecimento da transformação agrária brasileira, tal como tem sinalizado a presidenta Dilma. Apesar de ter aprovado a ideia da criação de uma Empresa Brasileira de Energia Renovável em seu congresso, o PT ainda não levou a proposta adiante; por isso, o tema não avança nem dentro do governo, nem junto aos movimentos sociais, muito embora devastadora a ocupação deste setor produtivo estratégico pelo capital estrangeiro, até o momento, sem qualquer resistência da esquerda.

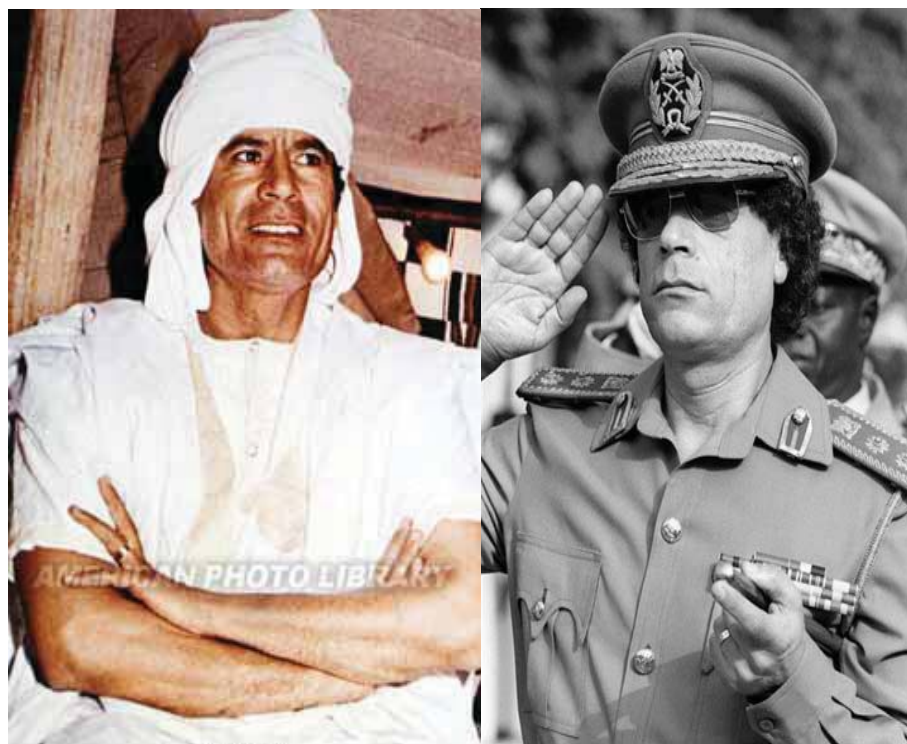
Apesar de que a primeira visita internacional de Dilma tenha sido à Argentina, simbolizando corretamente a continuidade de uma parceria estratégica capaz de dar suporte ao aprofundamento da política de integração latino-americana, linha que se reforça com o próximo encontro marcado com o presidente Hugo Chávez, há sinais de que a política do Itamaraty possa sofrer alteração que não faz jus ao prestígio e à autoridade alcançados pelo Brasil no plano internacional. Primeiramente, nota-se certa passividade do Brasil em relação ao evidente plano do imperialismo de dividir a Líbia – onde muitas empresas, serviços e trabalhadores brasileiros estavam operando. Talvez indique uma tendência atuando no governo Dilma que não queira manter o elevado e arrojado nível de iniciativas que o governo Lula implementou na sua política externa, constituindo-se em fator de enorme importância num mundo que ainda está longe de conquistar a multipolaridade e, também, inibir, com outras relações de forças, o intervencionismo crescente das grandes potências contra os países mais fracos. Amanhã o alvo pode ser o Brasil! Qual-

quer passividade, ou falta de protagonismo ou omissão, na pior das hipóteses, transforma-se em fator adverso à luta dos povos do mundo pelo direito à autodeterminação e por um mundo mais equilibrado, mais justo.

O Brasil não deve renunciar ao cumprimento da missão que se deu e que foi apoiada nas urnas pelo povo brasileiro, elegeu Lula duas vezes e Dilma. Não demonstra sintonia com a política exterior de Lula, notável na questão de Honduras, o silêncio em relação à proposta da Venezuela sobre a formação de uma “Comissão Internacional para uma Saída Pacífica” na questão da Líbia; essa omissão destoia do esforço do Brasil em impulsionar a UNASUR. Talvez também sejam um sintoma de alteração na política externa, as notícias de que na próxima visita de Obama ao Brasil seriam celebrados acordos para a exportação de petróleo da camada pré-sal para os EUA, o que se constituiria numa contradição com todo o discurso feito por Lula, e pela própria Dilma, de que o Brasil não pode sucumbir à “maldição do petróleo” e ser limitado a mais um exportador de petróleo, ao contrário de reforçar e expandir a indústria petroquímica em bases estatais.

Seja pelos sinais complexos ou pelas evidentes possibilidades de um maior avanço nas políticas de sustentação estatal ao crescimento e à distribuição de renda, o que se faz urgente é que o próprio PT e os movimentos sindical e social organizem o debate para uma participação mais ativa, propositiva e programática no sentido de não permitir que as condições construídas nos 8 anos de Lula e com a vitória da Dilma, não sejam plenamente aproveitadas “o Brasil seguir mudando”. Ou, para consolidar todas as conquistas de uma política externa que colocou o Brasil numa posição protagonista para a unidade dos povos da América Latina, África e Mundo Árabe, avançando na construção de uma multipolaridade progressista e superadora de injustiças e distâncias entre os países desenvolvidos e os países pobres. Mas, também, para aproveitar devidamente, sem timidez e sem vacilações diante das pressões que o setor financeiro certamente está fazendo sobre segmentos do governo, todas as condições para um crescimento à altura das possibilidades e das necessidades de um povo ainda carente de todas as infra-estruturas essenciais, tais como estradas, obras de urbanização, programa habitacionais, hospitais, escolas. Não há nada que justifique a opção por um crescimento rebaixado, o que apenas faria tornar mais lento o pagamento da dívida social e acelerar a acumulação de capital dos banqueiros. Esta contradição exige uma plena intervenção político-programática do PT, partidos de esquerda, sindicatos e movimentos sociais, para assegurar uma política mais arrojada de transformações sociais.

13 de março de 2011



Khadafi e a revolução que uniu a farda militar ao Alcorão

não havia e, hoje, elas abandonam o véu, estudam, trabalham, andam sozinhas pelas ruas, o que antes não podiam, exercem atividades econômicas e trabalham a sós. Isto é uma revolução no mundo muçulmano, e não foi feito por Maomé. O exemplo do processo de libertação na Líbia é uma demonstração da relação de forças mundiais.

O programa de Khadafi e da equipe dirigida por ele, que não é só de Khadafi, foi aumentando e elevando-se no curso da revolução. Partiu de uma consideração geral, boa, de expropriar, estatizar, mas sem ter ainda um programa claro. O programa foi se definindo na medida em que a revolução avançava. O ponto de partida do programa era muito simples, mas havia uma luta na direção e não havia uma decisão programática. Mas, poucos meses depois de a equipe de Khadafi ir ao poder, foi proposto e desenvolvido um programa semelhante ao programa dos Estados operários, que terminou levando a Líbia à condição de Estado Revolucionário, com todas as condições de ser um Estado operário. Está tudo estatizado; não existe mais propriedade privada de importância. A propriedade privada é pequena no comércio e no artesanato. Todo o setor importante – petróleo e outros minerais – está nas mãos do Estado. A direção líbia baseou seu programa econômico e social na experiência dos Estados operários. É esta a verdadeira natureza do progresso dos países africanos, asiáticos e também da América Latina.

A União Soviética não é um modelo, é um programa. Para avançar do estado de privação ao desenvolvimento é necessário estatizar, planificar e fazer as massas interirem. É isto que os líbios estão fazendo, mesmo que de forma limitada, porque não

têm ainda um programa marxista. Mas, já existem os fundamentos para que, em poucos anos, se proponha um programa, coerente, que é o marxismo. A coerência significa que a produção deve ser programada e para isto ser estatizada. Mas, para programar a produção é preciso uma direção que tenha a compreensão deste processo.

É preciso considerar o imenso progresso feito pela Líbia, mas mesmo sendo importante, ainda existem limitações por parte da direção política e militar do país, porque sua compreensão histórica e política é ainda limitada; junto ao fato de ser uma direção de origem muçulmana, que antes esteve limitada pela concepção teológica, religiosa, social e humana. E o Estado operário influenciou esta direção diretamente. O Irã fará o mesmo que a Líbia fez, pois o que esta fez não foi como muçulmanos e, sim, como seres humanos que convenceram a Maomé de que este era o caminho, e Maomé disse sim, que estava correto. Isso é produto da relação de forças mundial e é um exemplo para todos os países, inclusive para o Afeganistão.

O islamismo e o progresso social

O progresso da história não está determinado por Maomé ou pela concepção muçulmana, mas pelo programa, pela política e pela intervenção da população; e tudo isso, baseado na concepção científica do progresso da história, cuja base é o marxismo. Os líbios não são marxistas, mas também não são anti-marxistas. Entretanto, tudo o que aplicam é marxismo. Não fazem nenhum ataque direto ao marxismo; limi-

tam sua relação com ele, mas não o rechaçam.

Este processo na Líbia é fundamental para o mundo muçulmano, porque é um exemplo de que para o progresso social e da história da humanidade é preciso antes de tudo, resolver o que fazer com a economia e com a sociedade; ou seja, o que fazer com o Estado capitalista. A Líbia mostra a todos os outros países árabes que ela deu um imenso salto porque fez o mesmo que a Urss. As massas árabes entendem, apesar de que não o digam; viram que a Líbia antes da Revolução não era nada e que agora o capitalismo tem um medo enorme dela. Os capitalistas têm um tremendo medo do “louco” Khadafi (como eles o qualificam), que disse recentemente: “Todos devem fazer como a Líbia, pois aqui não há proprietários de casas. Todos têm casas, escolas e trabalhos. Todos têm o que comer”. E antes, não tinham nada. Hoje, tudo isso existe e, inclusive, um progresso enorme das mulheres.

Há um princípio que se desenvolve pela via da necessidade histórica, e esta via é a base para o marxismo. Não é um programa marxista, mas a base de desenvolvimento da Líbia é marxista. É uma conclusão fundamental para todos os países árabes, que não é imposta pela concepção muçulmana e sim pela necessidade social, pelo exemplo social que vem da Urss, como também de Cuba, da Etiópia, do Vietnã, da Argélia, de Angola e Moçambique. Este processo mostra a tendência da história que vincula todos estes progressos dos países com a Urss. Não somente pela estrutura econômica e social, mas pela resolução histórica da União Soviética que estimula mudanças em todos os pequenos países.

Junto com isto é preciso ter em conta a limitação do processo de desenvolvimento da Líbia por falta de uma direção coerente. É possível ir muito mais adiante aí. Se isso não ocorre é por limitação da direção. Demonstra-se também o mundo árabe não está fechado ao progresso marxista da história. A maior prova é a experiência da Líbia.

Outra experiência é a da Etiópia, que era muito mais atrasada. A Etiópia se agarrou do programa marxista para progredir, e todos os países árabes e suas massas vêm este processo. Elas não se limitam ao Alcorão; vêm e assimilam a experiência que se realiza em outros países que iniciaram processos de transformação. E este processo é Líbia.

Neste processo é preciso direção e intervenção dos Estados operários sobre esses países. Tem sido a debilidade dos partidos comunistas, de sua política não resolvida, a falta de programa, de capacidade e de dire-

ção, os fatores que não permitiram exercer uma maior influência sobre os países árabes. A Líbia não era o menor deles, mas era o mais fraco de todos. Tinha uma camada de Xeiques enorme, que desprezavam a vida humana.

O processo na Líbia é um aspecto do processo mundial, que sendo muito importante, é limitado porque se pode fazer muito mais. Porém, isso mostra que existe uma luta interna que não é pública. Não existe a mesma capacidade ou o mesmo programa entre os diferentes setores da direção. Uns estão mais à esquerda e são mais conscientes. O que há é um acordo entre as diversas alas, onde alguns se mostram menos “muçulmanas” que outras e mais amigas da Urss.

Do nacionalismo árabe ao processo de transformações sociais

A falta de cultura no sistema capitalista se expressa no que se escreve sobre a Líbia. São obrigados a falar sobre seu progresso, mas minimizam-no e o reduzem ao nível do obscurantismo religioso; buscam minimizar os aspectos progressistas, o fato de cada um ter sua casa, de que não existem desempregados, que não há fome, nem miséria, onde tudo isso foi eliminado, e o principal da economia está estatizado. A mulher, por sua vez, não anda mais de véu, veste-se normalmente. Fazem-na vestir-se de uma maneira especial para que não se destaque a forma feminina, o que indica a sociedade anterior, onde havia o sadismo, que é o que deve haver no Egito. Quando ocultam suas formas femininas, igualando a mulher ao homem, é no sentido de eliminar a base da instigação sexual. Agem assim em virtude das relações sociais anteriores serem um fator que induz a estas conclusões. O fato de elas usarem calças compridas tem também o sentido de impor sua igualdade com os homens. O fundo histórico para o uso da calça comprida por parte da mulher é para colocá-la em pé de igualdade com o homem, é a busca de uma relação de igualdade com o homem, onde nem mesmo a mulher, ou a sociedade tem noção deste processo.

Quem inaugurou o uso das calças compridas na mulher foi a sociedade celta. Por que teriam necessidade de calça comprida? É em virtude do desenvolvimento da sociedade celta; desenvolvimento muito elevado, o que implica também nas relações sexuais. A calça comprida é para qualificar a divisão sexual e para impedir insinuações sexuais, que deviam ser muito profundas

(continua na página 8)

A revolução na Líbia e o processo de transformação social

J. Posadas
20 de abril de 1981

Este artigo de *J. Posadas* traz, à tona dos acontecimentos atuais, elementos históricos para entender os fundamentos econômicos, sociais e políticos da revolução líbia iniciada em 1969 sob a liderança do coronel Khadafi. Naquela época, a relação de forças mundiais, contava com a existência da URSS. A Líbia é um país jovem que mal se havia liberado do colonialismo britânico nos anos 50, com uma monarquia baseada no regime tribal. A nacionalização do petróleo e a ajuda da URSS compensaram a falta de desenvolvimento capitalista e a ausência de classe operária na Líbia, permitindo passar do tribalismo à luta pelo socialismo.

Evidentemente, deve-se contextualizar a situação atual, a partir das concessões do governo líbio à economia neo-liberal do capitalismo europeu, como produto do debilitamento econômico, trazido pela desorganização da URSS. O salto para passar da “tribo ao socialismo” sofreu um freio. A possível inexperiência de direções islâmico-militar “sui generis” e o seu isolamento, retardou o avanço no rumo de um nacionalismo mais revolucionário.

Porém, há que avaliar também que, apesar da queda da URSS, a crise capitalista mundial atingiu um nível irreversível na história, e entraram no cenário mundial novas forças revolucionárias na América do Sul, no Irã e no Oriente Médio, e que a Rússia, a China e Cuba, continuaram a atuar como parte do bloco econômico e militar antiimperialista. Além disso, a política exterior da Líbia buscando uma aliança com UNASUR, propondo a formação de uma Organização do Tratado do Atlântico Sul, justo no momento em que a OTAN decide operar também nesta região, não permitem uma conclusão categórica de que Khadaffi abandonou a trincheira antiimperialista, como argumentam segmentos da esquerda européia. Ao associarem-se, criminosamente, à idéia de uma intervenção “imperialista humanitária” contra a Líbia, fica demonstrado, uma vez mais que estes segmentos de esquerda jamais entenderam o processo revolucionário líbio, desde o seu início.

O artigo mostra as raízes do processo líbio, além de examinar as dificuldades para a formação de uma direção capaz de atender ao desafio de avançar em medidas socialistas, contando com a participação organizada das massas líbias que, com todas as limitações do processo, sempre souberam resistir às pressões, sabotagens e agressões do imperialismo contra o Estado Revolucionário. A estrutura fundamental da Líbia, continua sendo o exposto no artigo de *J. Posadas*. Qualquer retrocesso, divisionismo regional ou tribal no Estado revolucionário líbio terá resultados catastróficos contra a Líbia e toda a região.

Os problemas que surgem na Líbia são problemas dos mais importantes da história da humanidade. A Líbia vem a expressar novas relações de forças mundiais que permitem que um país atrasado possa dar um salto adiante; não somente quantitativo, mas com extensão secular. A Líbia passa de uma condição quase primitiva, sem vida cultural, científica e esportiva ao que é hoje (*).

A Líbia, por si mesma, não tinha condições para promover isto. Se a vemos no contexto mundial, ela era antes dependente do sistema capitalista mundial e não tinha força social, nem sindicatos e partidos, para dar início a este processo de transformações sociais. O que existia aí era uma oligarquia dirigente que se apoiava no exército para dominar o país. Suas vinculações com o imperialismo inglês, italiano e, em parte, francês, lhes davam força militar para que pudessem dominar. Esta oligarquia tinha o exército para esta finalidade: não para guerrear contra os vizinhos, mas contra a população. Não havia tradição de partido, de sindicatos, nem de idéias; havia poucos livros e a população era quase toda analfabeta. As mulheres não tinham nenhum direito; nem mesmo na família e, até antes de Khadaffi chegar ao poder, o marido podia ter até mesmo 7 esposas.

O progresso da Líbia foi possível devido às relações de forças mundiais e à influência da URSS e dos Estados operários (países socialistas) sobre o Oriente Médio e, particularmente, sobre a camada militar da Líbia. Esta equipe deu um golpe militar e conduziu o país a posições nacionalistas. No início, não havia ainda uma direção formada e, inclusive, houve uma luta que durou anos até chegar a uma direção programaticamente mais homogênea que buscava o desenvolvimento do país. Isso foi possível graças a uma aliança com os Estados operários; mesmo que não consistissem em acordos assinados. A aliança consistia em que os Estados operários davam a garantia e a segurança de que a Líbia podia se desenvolver, porque o imperialismo não tinha força e capacidade para intervir. A existência dos Estados operários permitiu que um país tão atrasado como a Líbia pudesse dar tamanho salto na história. São raros os historiadores que analisam desta maneira o processo da Líbia. Eles somente dizem: “os militares que deram o golpe, eram valentes!”. É verdade, mas o processo não dependia da bravura dos militares, mas da possibilidade histórica e social que dependia das relações de forças mundiais. Relação de forças sociais significa: a idéia, a consciência, a capacidade, a necessidade de progresso da história. Só assim é que foi possível a Líbia dar um salto tão grande.

Antigamente, os ianques não rompiam relações com os grandes países; rompiam com o país e simplesmente mandavam bombardeá-lo (1). Com Khadaffi tiveram que dizer: “saia daqui!”, e deram 5 dias para que ele saísse. E dizem que Khadaffi ainda respondeu: “Estamos acostumados com os palhaços.”;

O imperialismo mostra sua impotência frente à Líbia. Rompeu relações para influenciar e intimidar outros países a que não tivessem relações com ela. Esse era o objetivo do rompimento das relações. O imperialismo queria, com esta atitude, mostrar-se forte; só que o mundo vê que é fraco, incapaz de tomar uma medida contra os líbios. Nem sequer pôde dizer a Khadaffi: “Você é um bobo”. Teve que dizer diplomaticamente: “Senhor terrorista, retire suas bombas daqui e vá embora!”.

A URSS não é um modelo, é um programa

O processo na Líbia tem um significado maior do que os ianques dão ou podem conceber, porque todo pequeno país vê que a URSS é o centro de apoio de qualquer progresso; e, então, busca o apoio da União Soviética; e vê que a Líbia não é nenhum país pobre que tenha necessidade de ajuda econômica. É um dos países mais ricos do mundo, se considerarmos, proporcionalmente, o número de habitantes em relação à sua riqueza; tem uma imensa riqueza para uma população de poucos milhões de habitantes, e a está utilizando para o progresso. A população diz isso e diz (aos que criticam ou atacam a Líbia): “Podem dizer o que quiserem, mas o país se desenvolve”, “temos trabalho, casa, comida, temos tudo e antes não tínhamos nada”. Antes, estava o rei Idris, que era um degenerado, um indivíduo com 100 esposas. Hoje, a Líbia existe e se desenvolve objetivamente e organizativamente porque aí está presente a Urss e nela se apóia. Todos os países que buscam apoio na Urss se desenvolvem. O Egito, que rompeu com a Urss e buscou o apoio dos ianques, retrocedeu e, hoje, é dirigido por uma camarilha. O Egito vai explodir; é uma questão de tempo mas vai explodir.

Não há nenhum progresso no mundo que tenha iniciado e, depois, retornado e se afirmado no seu ponto de partida. Não existe exemplo algum; nem mesmo Pinochet, ou Castelo Branco (2) foi exemplo disso.

Entre os progressos da revolução líbia está a libertação da mulher, mesmo que ainda não seja completa; porém, vai nesse rumo. Para começar, a mulher foi incorporada na atividade normal do país, coisa que antes

LIBIA

(Vem da página 1)

energia nuclear para fins pacíficos, desafiando as potências capitalistas.

Neste quadro de estímulo a rebeliões populares em todos os países vizinhos, surge uma insurreição no norte da Líbia, aparentemente de sentido contrário: os “rebeldes” reivindicam a bandeira da monarquia e a intervenção dos colonialistas. Só na superfície há identidade com as rebeliões contra o neocolonialismo na região, porque a Líbia havia deixado, há muito, de ser uma colônia. A Líbia tem uma trajetória oposta ao Egito: desde 1969, com Khadaffi à cabeça, havia promovido uma revolução, acabado com as relações monárquicas e feudais, nacionalizado o petróleo e a economia, oferecendo educação e saúde gratuitas ao povo, promovendo com os recursos do petróleo nacionalizado grandes obras de infraestrutura. (1)

A revolução líbia que libertou e deu dignidade às mulheres, é vítima de uma feroz guerra midiática que está desencadeando uma guerra de fato, com bombas, mísseis a ponto de transformar-se num novo Iraque. Porque um país que tem o IDH mais alto da África, o maior salário mínimo dos países do chamado Terceiro Mundo, renda per capita comparável à brasileira, passou a ser manchete de jornal e ter um presidente que, repentinamente, virou “ditador” e “assassino de civis”, repressor de um duvidoso movimento de rebelião social, entrou no banco de réus da ONU, e é ameaçado de intervenção militar da Otan?

Uma das razões, além da cobiça pelo “ouro negro”, está na configuração revolucionária que assume o Oriente Médio que acima descrevemos: a queda do poderio imperialista no Egito e os avanços do Irã. Isso, incluindo o fato que Khadaffi, irritando os EUA, tem proposto a formação de uma OTAS, uma espécie de Otan dos países do sul, na reunião de “*Cúpula América Latina - África*”, realizada na Venezuela em 2009. Antes, ele já havia proposto à Rússia construir uma base naval naval nas costas líbias, sendo que o lado oposto do Mediterrâneo, há uma base naval da Otan, na Itália. O imperialismo entra na brecha aberta pelos revoltosos líbios, entre os quais há correntes abertamente monárquicas e aliadas ao imperialismo, para mudar o sentido anti-colonialista de todas as outras rebeliões em curso; Está emitindo um sinal: “que ninguém vá para a esquerda que pode sofrer uma agressão militar”, que aliás, já está em curso na Líbia com a

Líbia: É imperativo impedir a intervenção militar imperialista!



Os Senhores que dominam o mundo e decidem a guerra contra a Líbia e a humanidade

Meios de comunicação: a ordem imperial é mentir para lançar a guerra

Os meios de comunicação oligopólicos, TVs, jornais e, agora, blogueiros sem credências, passaram a ser fabricantes de falsas notícias, indutores de opinião pública, para justificar e decidir o desencadear de guerras fratricidas contra a humanidade.

A mentira informativa e informatizada caminha mais rápido e com extensão planetária que um míssil de longo alcance. A falsidade da denúncia sobre a fabricação de armas bacteriológicas no Iraque, se comprovou através de fontes do próprio aparato político-militar norte-americano, somente depois de anos de destruição e massacre de 1 milhão de civis; tudo em nome dos “direitos humanos” desrespeitados por Sadam Hussein, o mesmo que dez anos antes andava de braços dados com o imperialismo, que pouco se importava com kurdos, xiitas, persas e minorias, tal como Mubarak, açougueiro de palestinos e da oposição interna.

Paradoxalmente, a arma virtual dos “direitos humanos” é sempre invocada antes do lançamento das armas reais, mortais e arrasadoras. A “emergência humanitária” é a chave de acesso do militarismo mais descarado, frente à ela não há debate, não há informação, não há dialética, negociação, verificação. Só resta a demonização absoluta daqueles que se opõem de algum modo às políticas imperiais. Entre os 2 milhões de trabalhadores estrangeiros (egípcios e tunisinos) que agora fogem da

guerra civil, até mesmo instigados à força pelos chamados “rebeldes” para criar a famosa “crise humanitária” que justifique uma intervenção armada da Otan, há muita gente que vivia e ganhava melhor na Líbia que na Tunísia ou no Egito, beneficiada pela repartição social da renda petroléira. Ao retornarem, voltam ao desemprego.

Nos anos 90 as mesmas agências informativas, porta-vozes da CIA e do Pentágono, difundiram, repetidamente, falsas imagens – com a conviência de um órgão da ONU de “defesa humanitária” – sobre massacres de civis albaneses em massa por mãos de Milosevic. As notícias percorreram o mundo e deram o aval para bombardear, desintegrar a Iugoslávia – que ainda tentava manter conquistas do período socialista – e transformar o Kosovo num país-base da Otan.

A derrubada das “Torres Gêmeas” de Nova York, que deu origem à mais colossal guerra midiática imperial, serviu para justificar a intervenção militar da Otan no Afeganistão, a guerra do Iraque e inaugurar uma era de intervenções de guerra em todos os cantos do mundo, em nome da “luta contra o terrorismo”. Hoje se sabe muito mais sobre a conspiração dos serviços secretos dos EUA com a colaboração do Mossad para a promoção daquele auto-atentado, e boa parte da opinião pública, os meios políticos e científicos conhecem pelo menos parte das maquinacões que conduziram à farsa do 11 de setembro. Mas nesse momento, foi o detonante midiático que permitiu a militarização do país com a restrição aos direitos individuais, o aumento colossal do orçamento do Pentágono e o início das grandes campanhas militares que são a “herança maldita” do governo Obama, referem da sua Secretária de Estado e do complexo industrial-militar.

Nenhuma dessas guerras contou com a aprovação democrática das massas, com a consulta popular nos EUA e nos países que alojam bases da Otan. Nenhuma respeitou a legalidade internacional, nem ouviu o clamor das gigantescas manifestações contra a guerra na Europa e em Wisconsin nos EUA. Nenhuma delas foi para punir Israel que cometeu dezenas de genocídios em Gaza e atacou a Flotilha da Liberdade. Quem é que dá o direito aos EUA de ameaçar com arrogância, na figura do seu presidente Obama, a soberania do governo e do povo líbio dizendo: “Khadaffi tem que se retirar e deixar o seu país?”. Até quando a falsa campanha do respeito aos “direitos humanos”, dará o aval ao imperialismo de impor a democracia dos mísseis?

(continua na página4)

As massas norte-americanas e européias, vítimas da maior crise econômica do capitalismo dos últimos tempos, jamais foram consultadas. Nada indica que o desespero das corporações bélico-financeiras, que não vêem outra saída para sua crise que a guerra, encontrará um calmanete. As massas européias e norte-americanas não estão paradas, nem querem pagar com sangue e desemprego o preço de um novo Iraque e Vietnã. Uma nova guerra contra a Líbia, com implicações mundiais, poderá representar uma implosão para o capitalismo europeu, sobretudo italiano, que teria que sacrificar seus negócios e intercâmbios com esse país e toda a região norte-africana. A Itália, não somente criaria um problema social interno, mas arriscaria de perder o mercado líbio para multinacionais americanas. A insegurança interna no campo burguês é real, apesar de que a loucura, e o instinto guerreiro de sobrevivência das grandes corporações do império norte-americano sustentadas pela Otan são imprevisíveis. Já Fidel Castro alertou para o eminente perigo de um ataque nuclear imperialista contra a Líbia e o Irã.

A reação da Rússia, China e dos países da ALBA

Com exceção do canal Telesur e da Al Jazeera, todos os meios de comunicação estão tocando os tambores de guerra contra a Líbia, promovendo a histeria, distorcendo fatos, difundindo falsas matérias. É imprescindível que os movimentos sociais e os governos revolucionários tomem consciência do risco que corre, não somente a Líbia, seu povo, mas a inteira humanidade.

A revelação que fazem os russos através do seu controle de radares por satélite de que não houve nenhum massacre de civis por parte do governo líbio, desmonta o esquema midiático imperialista e revela uma decisão política da Rússia confirmada no seu rechaço, junto à China, a qualquer intervenção militar contra a Líbia. É sintomático o desconcerto interior no próprio EUA, quando o secretário de defesa Robert Gates não confirma o bombardeio. De fato, há um temor de, no improviso, criar uma reação oposta, como os mercenários britânicos que desembarcaram na região dos “rebeldes” na Líbia e foram presos e deportados. Quem disse que os líbios estão procurando um “libertador” imperialista? Quem disse que os egípcios, os tunisianos querem voltar à tutela colonial? Nada é seguro, e nem a China e a Rússia estão de braços cruzados. As costas líbias não são desconhecidas para o submarino russo “Pedro, o Grande” que já realizou exercícios anteriores. O Irã enviou recentemente duas naves militares que atra-

vessaram o Canal do Suez em direção à Síria, selando um acordo naval-militar entre os dois países

A reação dos governos progressistas da América Latina se une ao clamor da Rússia e China em respeito à soberania dos povos do “Sul” do mundo, África, Ásia e Médio Oriente. O Conselho Político da UNASUR em reuniu-se em Caracas, e todos os seus componentes apoiaram o chamado de Hugo Chávez para a formação de uma **“Comissão Internacional para uma Saída Pacífica”**.

É fundamental que o governo brasileiro apoie esta proposta, dando continuidade ao importante papel que o Brasil cumpriu no governo do ex-presidente Lula para fortalecer a aliança Sul-Sul entre os países em desenvolvimento.

As relações diplomáticas Brasil-Líbia

Com coragem, o Brasil se opôs oficialmente à ação militar no Iraque. Seria de se esperar a continuidade desta acertada política externa quando agora, contra a Líbia, também se constroem versões – razões propagandísticas – para que aquele território seja ocupado pelos marines. Se as teses dos direitos humanos são as que balizam a autorização diplomática para tal monstruosidade militar, é de se esperar condenação a todos que estão hoje encharcando de sangue muçulmano o solo do oriente. A começar pelos EUA que já mataram mais de um milhão de civis no Iraque e, somente nesta semana, despejou bombardeios que causaram a morte de 65 civis no Afeganistão. Por que o Itamaraty não condena tal carnificina?

A construção de uma política externa brasileira enfatizando a integração latino-americana, não apenas em discursos, mas concretamente, com obras unificadoras de infra-estrutura que já não podem mais ser negadas pelo dilúvio de mentiras midiáticas, tem seu desdobramento na formatação de uma relação mais cooperativa com o mundo árabe e também com o Irã. Além disso, a busca de uma diversificação de exportações e importações – o que nunca agradou aos EUA – desdobra-se coerentemente numa relação mais próspera com a Líbia e do Oriente Médio. Em nome do respeito aos “direitos humanos”, estimulam posições que afastem o Irã da Líbia (como instigaram a guerra Irã-Iraque na época de Khomeini) para afirmar tendências internas conservadoras no Irã contrárias à política de aproximação do presidente Ahmadinejad com o bloco de países antiimperialistas da região, como Turquia, Líbia e Síria. E desta forma, estimular o golpismo dos “verdes de Mussavi” no interior do Irã.

Esta nova maneira de estar presente no mundo levou o Brasil a pelo menos duas operações de alto esforço e coragem, qual seja, a busca de uma saída negociada e pacífica para a crise a partir do prepotente veto imperial ao programa nuclear do Irã, e, na questão de Honduras, quando o governo Lula assumiu com arrojo a defesa da demo-

cracia diante do golpe de estado contra Zelaya, sinalizando que ela, a democracia, não é um atributo que estaria fora da agenda da cooperação e integração latino-americana, bem como do princípio da autodeterminação dos povos, violentada nas duas oportunidades pelos EUA.

Há muito que a elite brasileira e a sua mídia pró-império têm pressionado Dilma Rousseff, desde a campanha eleitoral, para uma reviravolta pró-americana na política exterior, sob o para-vento da defesa dos “direitos humanos” quanto ao caso Sakineh no Irã, e ao caso da oposição contra-revolucionária em Cuba. Fazem de tudo para enviar uma cunha entre Dilma e Lula. Assumir que a política externa vai defender os direitos humanos abstratamente, em qualquer lugar em que se encontrem ameaçados, é mais que um tiro no pé, abre o flanco da nação brasileira a uma intervenção militar para defender supostos ou reais direitos humanos violados, quem sabe na Amazônia, quem sabe no Nordeste. Como sempre sustentou o Itamaraty na era Lula, contribuiu mais para a defesa dos direitos humanos a paz no mundo, a relação harmoniosa entre todas as nações, o desenvolvimento econômico, a integração entre os países e a distri-



Lula e Khadafi na reunião de Cúpula América do Sul - África realizada em 2009 na Venezuela

buição equilibrada das riquezas do mundo entre todos os povos.

As forças imperiais querem transformar essa guerra contra a Líbia num elemento de desunião dos blocos progressistas da América do Sul e do Oriente Médio. Em nome do respeito aos “direitos humanos”, estimulam posições que afastem o Irã da Líbia (como instigaram a guerra Irã-Iraque na época de Khomeini) para afirmar tendências internas conservadoras no Irã contrárias à política de aproximação do presidente Ahmadinejad com o bloco de países antiimperialistas da região, como Turquia, Líbia e Síria. E desta forma, estimular o golpismo dos “verdes de Mussavi” no interior do Irã.

As razões do apoio à Líbia e ao presidente Khadafi.

A realidade dos fatos, divulgada por Telesur e por outros meios como Rede

Mundo, Interpress, Mídia Latina, e pela imprensa do Paquistão, é outra. Começando que já houve desde 23 de fevereiro ataques de navios militares estrangeiros de origem estadunidense e francesa e barcos nos portos líbios de Benghazi e Tobruk, aos quais, obviamente teve que reagir o governo líbio. E as notícias mais recentes confirmam que opositores do regime utilizam mercenários, tendo já assassinado 212 partidários de Khadafi em Benghazi; mercenários controlados pela CIA e companhias como Halliburton e Blackwater. A instigação ao golpe de estado separatista em Benghazi é estimulada pela cobiça ao manancial petrolífero e pelas contradições tribais da região. Esses tipos de “rebeldes”, tentaram na Venezuela com o “paro petrolero” reacionário, com greves e sabotagens, mas fracassaram. Na Líbia, diante do rechaço dos “rebeldes” à negociação proposta pelo presidente Chávez da Venezuela, mostrando que eles não têm a ver com a causa revolucionária de cunho socialista – como supõe uma parte equivocada das esquerdas – o exército líbio está recuperando, à força, as refinarias ocupadas.

Mesmo com a contenção do projeto revolucionário e concessões por parte do governo líbio nos últimos 10 anos, com acordos improdutivos com os EUA, a Inglaterra ou com o FMI, ou injustificáveis privatizações, abrindo mão, unilateralmente do programa de energia nuclear (em contraposição ao Irã e ao Brasil), não se justifica a convivência com qualquer ataque militar dos EUA e da Otan, ou golpe de estado contra o regime de Khadafi. O povo soviético não deixou de defender a Urss, durante a 2ª. guerra mundial, contra Hitler, apesar da sua crítica ao burocratismo stalinista. Os trotskistas, quando liberados das prisões stalinistas, pegavam em armas na luta contra Hitler e não contra Stalin, pois preservar o Estado Operário soviético é obrigação histórica incondicional. Quando da Guerra das Malvinas, Cuba também ofereceu tropas a Galtieri para lutarem ao lado do povo argentino contra o imperialismo inglês. Eis exemplos de táticas dialéticas. E era Galtieri! Não era um Khadafi. Não se pode abstrair sobre quem está organizando as defesas do estado contra a agressão imperialista é o governo Khadafi. Como não apoiar ao governo Khadafi e seu povo, que evidentemente está sendo vítima de um ataque midiático e ameaçado de invasão bélica imperialista que se concretizada, inclusive com o aval da ONU, será um dano para Líbia, para toda a região e para a soberania de todos os povos do mundo. O que não significa abrir mão de posições críticas diante das concessões políticas de Khadafi ao FMI, sempre que dirigidas a fazer avançar o processo revolucionário líbio do tribalismo ao socialismo.



Lula e Khadafi na reunião de Cúpula América do Sul - África

Toda solidariedade e apoio ao governo de Khadafi e ao povo líbio.

Não a qualquer intervenção militar do imperialismo, do EUA e da Otan contra a Líbia.

Contra a decretação de “zona de exclusão aérea” na Líbia que signifique aceitação do bombardeio. Respeito à resolução 1970 da ONU que proíbe “zonas de exclusão aérea” e a intervenção militar da Otan.

Pleno apoio à proposta do presidente venezuelano, Hugo Chávez, de formação de uma “Comissão Internacional para uma Saída Pacífica”, com participação preferencial do ex-presidente brasileiro Lula da Silva.

Pelo direito do povo líbio à autodeterminação, à integridade territorial e à soberania nacional.

Pela integração dos povos e governos revolucionários e progressistas do Oriente Médio e Oriente Próximo e da África, através de uma Federação Socialista da região nos moldes de UNASUR e da ALBA da América Latina.

Pela continuidade da política de cooperação entre América do Sul - Países Árabes, iniciada no governo Lula.

Pelo OTAS (Organização de Defesa dos países do Sul) proposto pelo presidente Khadafi.

(1) Leia o texto de J.Posadas, de 20 de abril de 1981 sobre o significado da revolução líbia do coronel Khadafi, publicado neste

A diferença de posições entre Irã e Venezuela

Longo no início do conflito líbio, o jornal governista “Iran” emitiu críticas duras a Khadafi, responsabilizando-o e até mesmo justificando as revoltas de alguns segmentos da sociedade líbia. O presidente do Irã, Ahmadinejad, que não fez pessoalmente a crítica, passou a concentrar seus discursos no ataque ao imperialismo e a uma provável intervenção militar na Líbia, o que já está ocorrendo no apoio armado pelas grandes potências aos chamados rebeldes. Esta aparente mudança no discurso de Ahmadinejad coincide com a importante ação política de Hugo Chávez articulando politicamente com vários presidentes no sentido de se formar uma **Comissão Internacional de Paz para a Líbia**, contando com o apoio de Fidel Castro e dos países da ALBA. Chávez, após contato telefônico com Kaddafi, chegou a telefonar para um dos líderes da sublevação armada que rechaçou qualquer mediação para uma solução pacífica. O que por si mesmo revela a posição destes supostos revolucionários que recusam uma mediação da Venezuela e pedem apoio à OTAN.

Provavelmente, a percepção mais clara de que de fato há uma intervenção militar em curso contra a Líbia, o que deixaria o Irã e a Síria numa posição mais isolada na luta antiimperialista naquela região, fez com que a realidade dura e objetiva dos fatos – concretamente a possibilidade da Líbia ser transformada em mais uma base militar da OTAN – pesou nesta aproximação entre as posições de Ahmadinejad e Hugo Chávez em nome da Alba. Isso reforçou a decisão de Ahmadinejad de diferenciar-se de tendências internas no Irã, incluindo setores parlamentares, às quais interessa o não-alinhamento com Unasur, para debilitar o papel do Executivo e de Ahmadinejad, favorecendo um golpe interior contra-revolucionário. Os mesmos que apoiam as chamados “rebeldes” na Líbia, terminam favorecendo os “verdes” de Mussavi.

As oligarquias árabes e islâmicas temem a explosão de novos movimentos revolucionários e querem dividir as forças progressistas, isolando Khadafi, torcendo para sua derrota, como meio de travar e conter a influência de mudanças que vai se espalhando pelas massas da região.”

É possível que o antiimperialismo do Irã deslize assim, repentinamente, em direção ao plano imperialista? Quais são as forças internas, quais as fraturas e os pontos de apoio? O misterioso desaparecimento do Imam Musa Sadr, na Líbia em 1975, libanês de origem iraniana que previu a revolução islâmica iraniana alguns anos antes de seu advento, não é suficiente para explicar tal inimizade contra o

governo de Khadafi a ponto de determinar a escolha do campo neste conflito estratégico. Pode servir como uma desculpa útil a ser aproveitada pelos planejadores da guerra imperialista e ajudar às várias áreas do poder iraniano – entre os reformistas capitalistas e os religiosos ortodoxos – que não suportam o governo o governo Ahmadinejad, para acusá-lo de populismo socialista sintonizado com a esquerda revolucionária como Chávez e os dirigentes da ALBA.

Não é de se estranhar que a maioria do parlamento, ferozmente anti-governista, tenha tomado uma posição contra Khadafi desde o início do conflito. Porém, é surpreendente ver como forças do próprio governo fazem-lhe eco: sejam o porta-voz dos Negócios Estrangeiros, Mehmanparast, o comandante-chefe das forças armadas, Firuzabadi, os articulistas do jornal oficial do Irã, usando essa mesma frase lançada pelos círculos imperialistas contra “Kadafi que bombardeia o seu próprio povo”. Enquanto isso, o jornal Kayhan, que é fundamentalista ortodoxo a ponto de ser fanático e crítico em relação a Ahmadinejad falou da intifada líbia e do genocídio do povo por parte do governo líbio acusando-o de haver pedido ajuda a Israel que estaria enviando “ajuda maciça” para Khadafi, quando, ao contrário, são os líderes desta revolta que apelam à OTAN para intervir militarmente, e que são capazes de, em poucas semanas, levantar-se contra o exército líbio, bem armados e bem treinados, mesmo considerando o fato que Kaddafi não utiliza ainda grande parte dos seus armamentos. Ahmadinejad atacou o imperialismo dizendo que não é mais o tempo do “11 de setembro” e que, caso o imperialismo intervir contra os movimentos populares, será derrotado. Mesmo o líder Ali Khamenei interveio constantemente contra a tentativa do imperialismo de apoderar-se dos movimentos em curso. Mas são insinuações muito leves para por em discussão o complô seja na Líbia que no Irã.

O jornal governista “Iran” publicou a posição da Venezuela que propõe a intervenção de uma comissão de inquérito para apurar os fatos na Líbia, mas continua a torcer pela queda de Trípoli e do governo de Khadafi. Os fatos vão ajudar a esclarecer de forma inequívoca os planos de invasão imperialista na Líbia e sua sintonia não só na Itália ou na Europa, mas no próprio Irã, onde a bomba líbia está por causar um “11 de setembro”; mas, se chegar àquele ponto, não se sabe se as verdades desvendadas poderão ainda ser úteis para recolocar a revolução iraniana no próprio rumo internacional.

A falta de uma informação sadia e revolucionária, colocou até mesmo Dilma

Russeff no plano da crítica ao Irã no caso Sakiné, sendo lógico pensar que as relações estratégicas não devem ser sacrificadas no altar dos “casos particulares”. Além disso, o Irã como qualquer outro país não é todo homogêneo ou esquemático; a contraposição de classes, dos poderes executivo com o jurídico e o legislativo, serve aos planos imperialistas de desestabilização, contra os governos revolucionários que debatem em um cenário de dualidade de poderes, para levar adiante um plano de transformações sócio-econômicas. Neste contexto, o que era “um detalhe”, ou “um caso particular”, se transformou em motivo pelo qual o “poder iraniano”, unido desta vez, está trocando, interessadamente, a esperança de reencontrar o Iman Musa Sadr, após 35 anos do seu desaparecimento sob o poder do Estado líbio e do governo de Khadafi, com a sustentação de um movimento, aparentemente islâmico, mas com a bandeira do sultão Idris – que mantém o país norte-africano no atraso e no torpor – que prepara a justificativa para a invasão e ocupação do próprio país.

Contra as forças reacionárias iranianas, aliadas com o sistema capitalista, opositoras da ideia da exportação da revolução islâmica iraniana, os líderes e tendências revolucionárias precisavam, há anos, de um novo vento e revoltas populares, como aconteceu no Irã há 32 anos, para derrubar ditaduras no mundo islâmico; o seu atraso motivou os líderes reacionários e a burocracia usurpadora a combater contra a tendência revolucionária. Portanto, quando estourou a revolta das massas árabes, sobretudo, egípcias, e também do Bharein e do Yeman, reavivaram-se as razões da revolução de 1979. O fato de que os dois navios militares iranianos, no regresso da Síria, na passagem do Canal de Suez, tenham feito homenagem às vítimas da revolta egípcia contra o “Faraó” e saudado o exército egípcio é a consequência lógica.

O fato que o parlamento expressou ontem um plano para afastar vários ministros, apesar da resistência do governo (tentaram eliminar também o ministro das energias há poucas semanas após o impeachment do ministro dos transportes), demonstra as forças reacionárias que se aproveitam da “oportuna” aventura e confusão na Líbia. Esta é, talvez, a conspiração mais perigosa realizada até hoje. Mas, seja como for, a contra-revolução não vigorará. A sua força consistiria em atacar de surpresa e agir com rapidez, mas tudo indica que estão perdendo tempo e terreno.

Revolução Socialista

Jornal Posadista

Continuação do
Jornal
Frente Operária,
fundado em 1953

“Sem a luta pelo socialismo, a vida não tem sentido” (J. Posadas) Ano 12 – Nº 30 – Julho 2011 – R\$2,00

EDITORIAL

Frente ao agravamento da catástrofe do capitalismo internacional, avançar na soberania, nas conquistas sociais e na aliança entre os países emergentes!

AGRAVA-SE A CRISE DO CAPITALISMO INTERNACIONAL

Se você realmente quer a paz, prepare-se para a guerra (“*Igitur qui desiderat pacem, praeparet bellum*”, do especialista militar romano Vegecio, 390 D.C.), devem estar pensando o Ministro Mântega e o estado-maior do governo Dilma frente à guerra cambial desencadeada pelos Estados Unidos e pelos bancos e especuladores internacionais, ao tomar a decisão de cobrar taxa de 1% em operações com dólares futuros, aumentáveis até a 25%. Porque, justamente, de guerra se trata.



Dilma inaugura teleférico no Complexo do Alemão (07/07/2011)

O imperialismo se prepara para jogar nas costas do mundo inteiro as crises sem solução da Europa e dos Estados Unidos. Há evidências gritantes de que se trate do “Big One”, o grande terremoto tão esperado um dia pela Califórnia, desta feita representando uma crise econômico-financeira internacional violenta, insolúvel pelo capitalismo. A possibilidade de calote dos EUA faz tremer o mundo. A debilidade da zona Euro e a fragilidade da União Européia estão a mostrar que o sistema capitalista e imperialista pode tentar encontrar, como sempre fez a saída da guerra total para cobrir a própria catástrofe. Em primeira mão, atacam ainda mais as conquistas sociais dos trabalhadores nos próprios países: saúde, aposentadorias, educação, habitação e emprego. As privatizações serão apenas um biombo para cobrir o massacre, afinal, os capitalistas são especialistas em massacres sociais: os “Estados democráticos” se livram dos empregados das estatais privatizando e deixando livres as mãos dos verdugos. Mas mesmo assim, de onde virão os capitais que assumirão o patrimônio público? Já não há candidatos sequer para a privatização selvagem.

Que o digam os capitalistas brasileiros, que ultimamente se dão por desertar até mesmo de licitações de obras públicas (Belo Monte, trem de alta velocidade, obras de infra-estrutura, PPPs). Melhor especular, enviar dinheiro para os paraísos fiscais, viver da renda dos títulos públicos. Até onde der!



Reunião Extraordinária no Peru do Conselho de Chefes e Chefes de Estado e do Governo da UNASUR (28/07/2011)

Em 2011, a burguesia brasileira enviou 69 bilhões para paraísos fiscais!

Desta feita, não haverá mais dinheiro nos Bancos Centrais dos países para cobrir os títulos podres, as especulações, os derivativos, como em 2008. Naquela época, empurrou-se com a barriga, a toque de emissões irresponsáveis de Euros e Dólares, de manobras. As moedas vão se derreter. Os déficits fiscais e de balança de pagamentos são insolúveis sem mudanças estruturais.

Daí para a guerra comercial total, às custas de manipulações cambiais, é só um passo. A América Latina já é o celeiro dos lucros das multinacionais, entre eles os bancos, muitas delas só sobrevivem graças às remessas de lucros das vendas enormes que realizam na região, graças, paradoxalmente, à elevação do nível de vidas de milhões de pessoas devido às políticas progressistas dos governos brasileiro, argentino, boliviano, venezuelano, equatoriano. A expansão econômica da América Latina é em grande parte o fruto da integração continental, das políticas de distribuição de renda, da retomada da soberania e das políticas industrialistas e desenvolvimentistas.

É evidente que o fluxo de capitais externos geralmente especulativos, mas também produtivos, à procura desesperada do lucro e da “realização”, contribui para o crescimento dos PIBs, mas as remessas de lucros

e a perda de soberania envolvida nessas operações são o flanco descoberto dessas operações.

As oportunidades da América Latina e dos países emergentes podem-se converter em tragédia se não há uma mudança drástica no modelo de desenvolvimento global, em favor de uma sólida intervenção estatal e desenvolvimentista, uma forte integração regional e inter-blocos como entre os BRICS e outros parceiros em desenvolvimento, que os libere das garras do sistema financeiro internacional dominado pelas metrópoles, do FMI, e garanta o atual ciclo de distribuição de renda e elevação do nível de vida das populações desses países. Esta é a única maneira de garantir a estabilidade do crescimento, torná-lo menos dependente da exportação de *commodities* ou das exportações para os países “ricos” cada vez mais em ruínas, industrializar e garantir a soberania dos países, e empreender outras vias de desenvolvimento com planejamento econômico estatal, investimentos produtivos,

(continua na página 3)

Cuba-Brasil
(página 3)

Brasília: Analfabetismo zero
(página 4)

Agroenergia
(página 5)

Solidariedade com a Líbia
(página 5)

Venezuela
(página 9)

Irã
(página 9)

Espanha
(página 10)

A mulher no Irã
(página 12)

As estatizações, os direitos democráticos, a função dos sindicatos e o progresso revolucionário no Peru

J. Posadas
(página 6)

EDITORIAL

(Vem da página 1)

erradicação da pobreza e do analfabetismo, políticas de pleno emprego e de crescimento de longo prazo, que permitirão empregar, finalmente o caminho inevitável do socialismo.

O DIVERSIONISMO MORALISTA DA
OPOSIÇÃO

O bombardeio diário da mídia sobre a corrupção, as propinas, os atropelos dos partidos aliados do governo, a pressão sobre os ministros e funcionários, não visa resolver problema algum além da disputa pelo poder. Tenta-se por todos os meios condicionar e intimidar o governo de Dilma Rousseff, deslocá-lo à direita, bloqueá-lo ou orientá-lo para interesses de grupos poderosos como são o agronegócio e seus eternos aliados, as multinacionais, que de lambuja estão levando as usinas de etanol.

Às propinas e aos caixas dois, que deveriam chamar-se de “sobrecustos”, acompanham toda e qualquer obra pública desde os tempos do Império. Tanto no Brasil dos “milagres” quanto no Brasil do PAC, o desenvolvimento se faz enriquecendo grupos capitalistas vorazes e predadores. Antes que perguntar-se qual o político ou o ministro, ou o partido responsável por uma “partilha”, é preciso perguntar-se qual foi o grupo capitalista que impôs o saqueio. Porque disso se trata, os grupos capitalistas chantageiam o governo, sabotam as obras do PAC, multiplicam e falsificam os custos, não há TCU que agüente, não há uma planilha exata, os governantes e administradores são impotentes para controlar uma licitação sequer, todas combinadas, às barbas da tão famosa quanto impotente Lei



Foto: Roberto Stuckert Filho

Cristina Kirchner, Dilma e Lula na inauguração da nova Embaixada Argentina no Brasil

das Licitações (8666). Os capitalistas já tentaram sabotar a usina hidrelétrica de Belo Monte, e o governo Lula decidiu fazer a obra assim mesmo. Agora, decidiram sabotar o trem-bala, desertando a licitação. Onde há uma obra, há um roubo. Agora tentam até macular os batalhões do exército, que fazem as obras que os capitalistas esnobam. Enfim, o capitalismo tupiniquim não joga a favor do país, além de chorar pela proteção cambial. Somente um Estado poderoso e orientado pela audácia, pela idéia de forte soberania nacional e inseparável sensibilidade social pode enfrentar a quebradeira geral do capitalismo que se aproxima.

PORQUE A REFORMA POLÍTICA É
IMPOSSÍVEL

O sistema político é e sempre será o “balcão de negócios” da burguesia, como o definiu Lenin e ninguém conseguiu desmenti-lo. Balcão de negócios do setor agrário, dos construtores, dos industriais, dos banqueiros, da criminalidade organizada em empresas. Este é o sistema capitalista, não o sistema “político”. O sistema eleitoral é o que é, a reforma tributária não sai do papel, as leis anti-corrupção são letra morta, os fichas-sujas transitam impunemente, e toda e qualquer obra esconde o “por fora”, o sobrepreço, o financiamento oculto. Qual é a novidade? Então fala-se de “custo-Brasil”, de “modernização do Estado”, mas esta não é possível sem reverter a lógica do Estado a estar ao serviço dos grupos capitalistas, e colocar o Estado para servir ao povo e à Nação. Este é o verdadeiro embate, ideológico, político, que tem tudo a ver com a idéia do socialismo. Por exemplo, não fora a iniciativa de recriar a Telebrás, seria impossível pensar na universalização do acesso. E é preciso fortalecer ainda mais esta estatal para que a banda larga seja barata e acessível a todos, escapando da hegemonia dos teleoligopólios. Sem o “Luz para Todos”, milhões de pessoas ainda estariam na penumbra. Graças à expansão do orçamento estatal na saúde, milhões de brasileiros recebem gratuitamente remédios para a hipertensão e diabetes.

Na verdade precisa-se de cada vez mais e mais Estado, mas com mais e mais participação, democracia, transparência, propostas audazes de concessão de direitos de cidadania, como a erradicação completa e

urgente do analfabetismo, a radical democratização da mídia com a quebra dos monopólios privados atuais, a solução definitiva para a pobreza extrema e a questão agrária, ainda mal resolvida e ainda por cima desnacionalizada. Esta é a principal *modernização* do Estado! Não é colocar um capitalista “eficiente”, dar um pito geral, aumentar a atividade da Polícia Federal, do TCU. Tudo isto está bem, exigir da base do governo pelo menos a indicação de pessoas tecnicamente preparadas, “decentes”, isso é normal, mas totalmente insuficiente. O que quer a oposição, em última instância, não é eficiência, é comprometer a governabilidade. A base aliada é terreno fértil de interesses alheios ao desenvolvimento do Estado e do país. Entretanto, as cruzadas moralizantes NÃO VISAM MUDAR ESTE QUADRO, mas mudar a gestão para outros interesses, todos inimigos do governo progressista, ao qual há que prestar apoio e firme solidariedade.

Não basta proclamar os “60 milhões de novos membros da classe média” se o parâmetro é o consumo de carros ou eletrodomésticos, num mundo dominado pela financeirização e pelo endividamento de milhões de pessoas. Os parâmetros têm que ser IDH, qualidade de vida, cidadania real, defesa do ambiente, dos direitos das minorias, a efetiva aplicação dos ditados constitucionais que garantam educação, saúde, casa decentes para toda a população.

AS PRESSÕES CONTRA A POLÍTICA
EXTERNA PROGRESSISTA

Paralelamente, os eternos quintas-colunas, os servos do império, continuam ativos na campanha contra a integração latino-americana, no bombardeio contra o Mercosul e em particular a Argentina, nas especulações anti-chavistas, enquanto uma tempestade de bombas desaba sobre o povo da Líbia, na indiferença total da mídia “democrática”. Esta é a mídia que celebra qualquer vacilação da política exterior, como foi a de condenar o Irã pela falta de “direitos humanos” ou cumprir medidas assessórias nas sanções anti-Líbia. Os torcedores da política externa pró-yankee ainda circulam nos corredores do Itamaraty. Pena que o mundo não lhes ajuda: ou o Brasil afirma a sua soberania, ou vai sucumbir no abismo da crise do Império, que vai lançar provocação atrás de provocação, como se vê na cobertura descaradamente manipulada dos fatos da Síria, ou no atentado na Noruega.

Os sinais do governo Dilma, a esse respeito, são contraditórios, tímidos. Assina-se o contrato para a construção do submarino nuclear, decladamente para defender a soberania e o petróleo, o que é extremamente positivo e urgente; mas prorroga-se a compra de aviões de combate avançados, como se houvesse muito tempo pela

frente. O país se abstém sobre os ataques à Líbia, mas é obrigado a regulamentar as medidas de saqueio e bandidagem da Otan, não levanta a voz contra a barbárie contra aquele país. São as turbulências de um mundo que não promete paz, frente ao qual o governo progressista tem que se preparar com firmeza e determinação, como é a batalha contra o dólar que, aliás, há muito não deveria ser a nossa principal fonte de reservas internacionais. Neste sentido, é importante a reunião de emergência de chefes e chefas de Estado da UNASUR, realizada em Lima, sob a presidência inaugural de Humala Ollanta, onde até mesmo a Colômbia se alinhou com o Brasil e a Argentina na urgência de uma firme posição de união e soberania frente à crise do império do FMI, e as posições da Venezuela, Equador e Bolívia, pela nova moeda, o “sucre”, e o Banco do Sul, tomam corpo como única solução alternativa de independência da América Latina frente à crise.

OS PARTIDOS PROGRESSISTAS E
MOVIMENTOS SOCIAIS NÃO DEVEM
ABAIXAR A GUARDA

A crise mundial atual é a crise da falta de ideologias, e é de grande responsabilidade das esquerdas que se intimidaram após a queda do muro de Berlim e consideraram que o desaparecimento da Urss era o “fim da história” do socialismo. Todos estavam equivocados. A crise atual do capitalismo mostra que o socialismo é mais atual que nunca. Sem as suas propostas, sem as concepções de igualdade social, planejamento econômico, racionalidade, união entre nações, o mundo vai para o abismo da 3ª. Guerra mundial.

É preciso que partidos, sindicatos, organizações sociais, igreja progressista, movimentos rurais, todos se unam para dar suporte ao governo Dilma para que não se intimide e avance, para que assuma a sua responsabilidade e enfrente a tempestade que se aproxima, para que gire à esquerda, para que aprofunde tudo aquilo que a era Lula fez de mais avançado. É importante também a decisão de Lula continuar a luta, discursando recentemente aos militares na ESG, chamando à consciência nacionalista. à união das Forças Armadas no desempenho de uma função social. O Partido dos Trabalhadores tem que sair da letargia governista e dos entrelaçamentos políticos para assumir a vanguarda das propostas progressistas, partindo do reconhecimento que se trata de um governo de alianças e acordos, mas ir depurando o governo, os governantes, os administradores, os seus próprios militantes, excessivamente envolvidos em eleitoralismos de cabotagem, para que respondam primordialmente aos interesses nacionais e do povo brasileiro, ajudando o Executivo a tomar as medidas necessárias, fortes, para dar continuidade à luta por um Brasil soberano, uma América Latina unida e socialista. ●

Expediente

“Revolução
Socialista”

Órgão da Corrente Posadista do PT

Regulamentada junto ao
Diretório Nacional
Continuação do Jornal “Frente
Operária”, fundado em 1953.Diretor Responsável :
C.A. de Almeida – Reg. Prof. 049/SP
E-mail: revsocialista@yahoo.com.br
Página Web:www.revolucaosocialista.com
Caixa Postal: 6275 - Brasília (DF)Brasília DF
Circulação interna ao PT

Cuba-Brasil, 25 anos do reatamento

Neste mês de junho, completam-se 25 anos do reatamento das relações entre Brasil e Cuba. Era Sarney o presidente. A ruptura veio no golpe de 64. Sob a ditadura muitos trabalharam para pavimentar o caminho da retomada. Chico Buarque, o jornalista Fernando Moraes com o seu livro "A ilha", a imprensa alternativa e de esquerda, Frei Betto e Frei Boff e tantos que fizeram um trabalho anônimo para que hoje Brasil e Cuba tenham as excelentes relações que possuem, Mas, podem expandir-se

Há uma nova situação política na região, que pode ser melhor aproveitada pela Solidariedade a Cuba, que também neste mês de junho, realiza sua Convenção Nacional. Para além de todas as bandeiras históricas já defendidas, há imensas possibilidades de ampliar e qualificar as relações bilaterais Brasil e Cuba, que neste momento já cooperam em importantíssimos programas.

Com financiamento do BNDES, constrói-se o Porto de Mariel, decisivo no fortalecimento econômico de Cuba. Será o maior porto do Caribe. Na prática, empresas brasileiras furam o bloqueio à Ilha. Em outro projeto, Brasil e Cuba estão cooperando na produção de vacinas para a África, inclusive na especialização de médicos timorenses formados em Cuba que passam pela Fiocruz antes da volta ao Timor.

Para citar mais um, Cuba e Brasil estão cooperando também no sistema de saúde do Haiti, com financiamento brasileiro de 80 milhões de dólares, mais pessoal e tecnologia. Eis porque



Debate: "A revolução cubana, 52 anos depois: transformações e desafios". Realizado no auditório Freitas Nobre, da Câmara de Deputados. Participaram: deputada e presidenta do Instituto Cubano de Amizade com os Povos, Kenia Serrano, a presidenta do Instituto Cubano do Livro, Zuleica Romay, a editora do Cubadebate, Rosa Miriam Elizalde, e Magali Llorca, mãe de Fernando González, um dos antiterroristas cubanos presos injustamente nos Estados Unidos; Frei Betto, senador Cristóvão Buarque e Beto Almeida.

Fidel, visionário, declarou em encontro internacional, em 2005, preferir soldados brasileiros a marines dos EUA no Haiti. Como indica o raciocínio de Castro, a cooperação Brasil-Cuba é estratégica para muitos povos. E pode ser qualificada com mecanismos de cooperação melhor trabalhados. Exemplo: na área da informação, colocando-se em prática o convênio da EBC com a Prensa Latina e a Telesur, para que o povo brasileiro escape do bloqueio informativo de que padece sobre as conquistas sociais da Ilha.

Mas, além disso, o momento também é sugestivo para se discutir a integração latinoamericana, de modo mais amplo, e, diante dos evidentes limites em que está metida a Revolução Cubana, cabe uma reflexão, imprescindível, sobre a impossibilidade da construção do socialismo em um só país, tema que já foi motivo de polêmica há décadas no seio do movimento revolucionário internacional e que, face às severas lições de história, revela-se hoje com força cada vez mais incon-

testável. Esta reflexão e o debate construtivo se fazem ainda mais necessários diante da incompreensão instalada em alguns círculos da esquerda sobre a importância decisiva destas políticas impulsionadas por Lula, mantidas por Dilma, para instalar empresas brasileiras em território cubano, retirando concretamente Cuba do isolamento, e contribuindo para o desenvolvimento de suas forças produtivas.

Apesar da evidente importância destes acordos e desta política, há críticas sugerindo que isto é apenas comércio e de que revelaria de fato uma tendência sub-imperialista no governo brasileiro, quando o desenvolvimento das forças produtivas, seja em Cuba, na Bolívia ou no Paraguai, indicam a possibilidade de um desenvolvimento com a re-



Porto de Mariel

dução da hegemonia dos EUA. Quantas décadas deveriam esperar Cuba para ter sua própria capacidade de engenharia nacional para construir este Porto de Mariel? Ou para retirar explorar o petróleo que tem em sua plataforma marítima, o que ela não pode fazer por limitações tecnológicas intransponíveis no momento? O subdesenvolvimento e sua herança também pesam mesmo sob Cuba que realizou uma revolução social. E implicam em dar prioridade na formatação do que Trotsky chamava

de Federação Socialista Latino-americana. Ele desenvolveu importantes análises quando estava no México e apoiava o nacionalismo revolucionário de Cárdenas e de Getúlio Vargas, por ele identificados como fenômenos progressistas *sui generis*, destacando seu conteúdo antiimperialista e de potencial revolucionário, sustentando – face a evidente limitação objetiva para um qualquer curso de desenvolvimento isoladamente – que fossem apoiados pelos revolucionários mesmo de diante de sua formação híbrida. Diante da constatação dos limites objetivos de cada um dos países isoladamente. Esses movimentos nacionalistas revolucionários jamais foram compreendidos pelos partidos comunistas que adotaram a equivocada política da oposição tanto a Cárdenas, como a Vargas, como a Perón, ou mais tarde à Revolução Inca, no Peru, com o general Alvarado à frente. Fidel Castro, em entrevista recente a Ramonet, destacou a função revolucionária das correntes militares progressistas latinoamericanas, o que não foi nunca uma linha política dos partidos comunistas. O tema é atual, com as adaptações e diferenças de contextualização. O que a Venezuela não pode desenvolver na área da industrialização e da infra-estrutura, desenvolve-se agora com a parceria com o Brasil, sobretudo para superar a pesada herança de seu atraso na agricultura, resultado da chamada "maldição do petróleo".

O debate do tema deve ser muito mais estimulado pela CUT, o PT e os movimentos sociais, mas, sobretudo pelo governo que pode, por meio da implementação do convênio da TV Brasil com a Telesur, trazer ao conhecimento dos brasileiros a importância das políticas de integração, com a participação do BNDES, e que podem ser muito mais aprofundadas, no que receberá ainda maior apoio popular, como se observou na generosa política do Brasil para com o Paraguai e a Bolívia. ●

J. Posadas
**América Latina:
Del Nacionalismo Revolucionario
al Socialismo**

J. POSADAS
**AMÉRICA LATINA:
Do Nacionalismo Revolucionário
ao Socialismo**

"América Latina: Do Nacionalismo Revolucionário ao Socialismo"

"A música, o canto e a luta pelo socialismo"

"O processo da revolução permanente no Irã"

Em língua espanhola
Autor: J. Posadas

Faça o seu pedido através do
email: revsocialista@yahoo.com.br
ou da Caixa Postal: 6275 - Brasília (DF)

Brasília: Território Livre do Analfabetismo

O governador Agnelo Queiroz assumiu o corajoso compromisso de erradicar o analfabetismo na Capital da República e no DF até 2014. Este compromisso deve ser apoiado por todos os brasileiros – não apenas pelos moradores do DF – por todas as forças progressistas, movimentos sociais, intelectuais, movimento estudantil, pois trata-se, simbolicamente, de uma atitude que revela claramente o potencial de que o Brasil, com todos os seus recursos, tem seguramente todas as condições para ver-se livre desta maldade social.

Agnelo está também enviando, com este compromisso, uma mensagem de otimismo, de convocação à luta, de chamado para as transformações sociais, indicando claramente que o **Brasil Sem Miséria** tem que ser também um Brasil livre da miséria do analfabetismo, da ignorância, da incultura. É como se dissesse: um país com as imensas riquezas que possui, do petróleo ao nióbio, sendo uma das maiores economias do planeta, não tem o direito de conviver com uma herança tão opressiva e desumana que afeta, sobretudo, as camadas mais pobres dos brasileiros, no DF e em todo o território nacional!

A América Latina está derrotando o analfabetismo!

A guerra contra o analfabetismo na América Latina sempre esteve vinculada à luta revolucionária, aos programas de governos populares, a governantes antiimperialistas e de esquerda. Agnelo está indicando que estão presentes as condições para que o Brasil dê um salto político. Deste modo, está chamando a superar a simples prática e uma administração rotineira, convencional e sem audácia, trazendo para os partidos progressistas o desafio de se colocar à altura das reais possibilidades de transformações sociais que o Brasil possui agora depois de dois governos Lula e após a eleição da presidenta Dilma, derrotando as forças conservadoras, que jamais se levantaram contra o analfabetismo, como também jamais se propuseram a transformar a sociedade.

Vale lembrar que o próprio Plano Estratégico para o Brasil, lançado durante o governo Lula, previa apenas para 2022 a superação do analfabetismo, o que é uma prova de timidez e de falta de prioridade política imensas, se observarmos que vários países muito mais pobres que o Brasil estão conseguindo derrotar o analfabetismo na América Latina. O pro-

blema está claramente localizado na esfera das decisões políticas. Exemplo: como é lamentável a substituição do Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães pelo ex-governador Moreira Franco para comandar a Secretária de Assuntos Estratégicos! Colocar como ministro desta pasta um homem que destruiu os CIEPs no Rio de Janeiro; quando pela primeira e única vez um governo estadual dedicou 50 por cento de seu orçamento para a educação. Acabar com o CIEPs é lançar dúvidas sobre um verdadeiro e sincero combate ao analfabetismo.

A atitude de Agnelo Queiroz, na prática, é um chamado às forças progressistas a se mexerem mais além da luta institucional ou parlamentar. Em todos os países que derrotaram o analfabetismo na América Latina a mobilização popular é uma condição indispensável. Assim foi em Cuba, onde o analfabetismo foi extinto há 50 anos!! Assim foi na Nicarágua Sandinista, quando a Cruzada Nacional da Alfabetização, que contou com a participação ativa de professores cubanos, levou a suspensão das aulas nas universidades por seis meses, período em que os estudantes universitários subiram às montanhas e foram para o campo para alfabetizar os camponeses, numa generosa demonstração de maturidade revolucionária e de entrega, que só os processos revolucionários alcançam, porque elevam as relações humanas, vencem o individualismo, promovem a consciência de que o progresso cultural de um povo é tarefa de todos, tarefa coletiva!

Tiririca: alfabetizado com o método cubano

A Venezuela Bolivariana também já é Território Livre do Analfabetismo, com reconhecimento da UNESCO, devendo sua conquista também à generosa ajuda de Cuba com o seu método de alfabetização *“Yo sí puedo”*, que permite aprender a ler e escrever em um prazo de 45 dias em média. Aliás, conforme revelou Frei Betto em Conferência sobre Cuba, hoje, transmitida pela TV Cidade Livre de Brasília, foi com o método cubano que o Deputado Tiririca aprendeu a ler e escrever rapidamente para fazer frente às exigências elitistas e arrogantes da Justiça Eleitoral que não queria dar-lhe o diploma parlamentar a que faz jus em razão de milhares de votos recebidos, em sua maior parte das camadas mais oprimidas do Estado de São Paulo, sobretudo dos trabalhado-



Bolivia é país livre de analfabetismo graças ao método cubano *“Yo sí puedo”*

res nordestinos da construção civil, a quem ele apresentou uma série de propostas corretas e necessárias, escondidas maliciosamente pela mídia. Uma vez mais, foi Cuba, com sua contribuição humanista em escala internacional, que demonstrou, neste episódio do Tiririca, que quando há vontade política, os instrumentos estão disponíveis e podem ser utilizados pelos mais inesperados setores sociais com vistas a elevar sua condição de cidadania. A conclusão é clara: o programa **Brasil Sem Miséria**, justo e necessário, não deve limitar-se à alimentação e formação profissional dos mais miseráveis. Aos animais é que se oferece apenas alimento, aos seres humanos é preciso oferecer também cultura, educação, livros, produtos culturais, etc...

Prioridade política ou planejamento conservador?

Se a Bolívia de Evo Morales também já é, segundo a UNESCO, Território Livre de Analfabetismo, as condições para que o Distrito Federal (muito melhor equipado e estruturado), mas também o Brasil, alcance tal conquista, estão totalmente presentes. É paradoxal que o Brasil seja um dos maiores consumidores de automóveis e de telefones celulares do mundo, que São Paulo tenha a segunda maior frota de helicópteros do mundo, e ainda existam milhões e milhões de analfabetos! A solução deste dilema está no plano da política. Agnelo está fazendo uma convocatória decisiva, urgente, inadiável! Não há nenhuma razão para que a erradicação do analfabetismo não tenha sequer metas concretas, apesar de oito anos de governo Lula, de vários governos estaduais progressistas que tivemos neste período, mas, ainda assim, sem que o fim do analfabetismo tenha sido encarado com tarefa prioritária, central, realizável.

Basta lembrar que o Evo Morales, em criança, quando seus pais trabalhavam como canavieiros no norte da Argentina, foi considerado inepto para o letramento. Hoje, não apenas ele é o presidente da Bolívia, como nossos irmãos bolivianos, uma das economias mais pobres da América do Sul, já estão livres da praga do analfabetismo! Se um país como o Brasil que conseguiu recuperar a indústria naval, destruída pela privatária tucana, como não poderia superar definitivamente o analfabe-

tismo? Sobretudo sendo o Brasil a pátria de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Paulo Freire? É porque tem faltado vontade política e Agnelo, com o compromisso que assumiu publicamente, está demonstrando que é preciso uma nova arrancada política e que Brasília não quer apenas ser a sede da Abertura da Copa do Mundo em 2014, construindo o estádio, mas também tem que mandar ao mundo a mensagem de que erradicou o analfabetismo.

A alfabetização é uma luta política

O governo Agnelo credencia-se a convocar todas as forças progressistas, não aquelas que o apoiaram eleitoralmente, para que seja realizado um verdadeiro Mutirão contra o Analfabetismo. O movimento estudantil, a CUT, o Sindicato dos Professores, as Universidades, todos devem ser convocados e incorporados nesta luta por meio da realização de uma Conferência Popular contra o Analfabetismo no DF, na qual sejam planejadas todas as iniciativas possíveis e necessárias, entre elas a mobilização política, pois derrotar o analfabetismo não é uma tarefa apenas técnica, é de cunho político e transformador. É preciso discutir e planejar tendo presente experiências do passado, entre elas a do Rio Grande do Sul, que, quando governado por Leonel Brizola, conseguiu erradicar praticamente o analfabetismo no início dos anos 60. É preciso organizar acordos com o governo de Cuba para que seus especialistas possam participar deste Mutirão.

O uso revolucionário do rádio

É fundamental que haja a consciência sobre o uso da Rádio Cultura-FM, uma ferramenta que pode cumprir um papel indispensável nesta empreitada, ao contrário de ser apenas uma caixinha de música como vinha sendo na triste Era Arruda, quando só as bandas de rock apoiadas por esquemas milionários da indústria cultural imperial tinham, ao passo que sua direção, naquela época, discriminava a música popular brasileira, o samba, a música de raiz, inclusive os artistas negros, numa orientação claramente racista. É um verdadeiro desperdício de recursos não ter a Rádio Cultura atuando nesta e outras causas da elevação cultural do povo candango. Aliás, vale lembrar que pedagogos cubanos desenvolveram um método para a alfabetização em dialeto *creole* do povo haitiano, por meio das ondas do rádio, a partir de Cuba. A universalização da banda larga também deve ter como objetivo central, elevação de conteúdos de cunho social e cultural, via internet e ser um instrumento paralelo no processo de alfabetização. Temos que abrir espaços à criatividade, ao desenvolvimento de novas experiências, políticas e educativas. E a base para isto é o compromisso assumido pelo governador Agnelo Queiroz, que indica um compromisso de luta!

“Os desafios urgentes para conquistar a soberania na agroenergia”

A necessidade da criação da EMPRESA BRASILEIRA DE AGROENERGIA (EBA), em mãos do Estado e baseada na pequena e média agricultura familiar

Há um profundo abismo entre as conquistas econômicas e sociais dos governos Lula e Dilma e a desnacionalização do setor do agrocombustível no país. Posição inadmissível pra uma nação que busca se afirmar pela inclusão social e como potência econômica e política nos cenários da América Latina e Internacional.

A produção de agrocombustível não pode ser analisada apenas como uma commodity a ser explorada economicamente pela iniciativa privada, pois trata-se de um produto estratégico, um produto energético, ao nível de importância de outros produtos como o petróleo, o carvão mineral, a energia elétrica, a energia nuclear em disputas militares no mundo.

Recentemente, a Presidenta Dilma, diante do absurdo do desabastecimento de álcool, decretou que o álcool fosse considerado um produto estratégico e não mais um simples produto agrícola, ficando a cargo da ANP coordenar o setor. Desta forma, sinalizou a necessidade de se construir uma estratégia para assegurar o controle estatal na área de produção de agroenergia. Da produção de álcool combustível, a Petrobrás participa apenas com 5% do mercado.

A crise econômica de 2008 não teve um efeito desastroso para a economia geral do país como se alardeou mas provocou uma crise artificial no setor sucroalcooleiro, orquestrada por transnacionais que passaram a comprar as usinas do setor, num cenário de aprofundamento da concentração da economia mundial, nas mãos de poucas empresas. Para se ter uma idéia, os maiores Bancos do mundo como o Bank of America, JP Morgan Chase, Citygroup e Wells Fargo são vinculados a petroleiras Exxon Mobil, Royal Dutch/Shell, BP Chevron Texaco que estão adquirindo usinas de álcool e açúcar no Brasil recentemente. A Shell passou a controlar um dos maiores conglomerados sucro-alcooleiros, a Cosan, numa clara ação de desnacionalização do setor.

O crescimento econômico do Brasil e a inclusão de milhares de pessoas a melhores condições de vida não pode levar o governo da Presidenta Dilma a se desprover de uma concepção de defesa da soberania nacional dos setores estratégicos. Desta forma, reiteramos a proposta da criação da Empresa Brasileira de Agroenergia (EBA) que teria a função de coordenar o setor sob controle do estado brasileiro, papel que não está sendo cumprido pela “Petrobrás Biocombustível”. A grande mídia seguramente vai alardear, pois está a serviço das transnacionais, mas este é o único caminho para assegurar um desenvolvimento baseado em fundamentos econômicos sólidos.

Os movimentos dos agricultores familiares do campo e os partidos de esquerda em geral foram tímidos na defesa do setor e na defesa de um modelo que incorporasse a agricultura familiar na produção da agroenergia, através da construção de micro-distilarias. É preciso retomar este debate, com urgência. Atualmente, cinco empresas produzem 50% do etanol no Brasil: a anglo-holandesa Raizen (Shell/Cosan), a francesa Louis Dreyfus, a norte-americana Bunge, a francesa Tereos e a ETH, do grupo Odebrecht. Além disso, tem a norte-americana Adecoagro, de George Soros; a CNAA, comprada pela pretroleira inglesa British Petroleum; a Equipav e Vale do Ivaí, adquiridas pela indiana Shree; a Rio Vermelho, empalmada pela suíça Glencore. Ou seja, a desnacionalização da economia é a causa para o aumento do preço do etanol. Por isso, se faz necessário o aumento da participação do Estado, para que tenhamos soberania neste setor. Depois que as transnacionais controlarem a produção do álcool combustível, irão abrir os seus mercados no exterior, nos impor preços e condições de venda, como já acontece com os preços, a comercialização e exportação das commodities de grãos, dos fertilizantes, de máquinas e equipamentos agrícolas.

Diante da crise dos países hegemônicos, o governo Dilma conta com uma correlação de forças ímpar para assegurar o controle estatal sob um dos mais importantes setores da economia brasileira e mundial. Não há que deixar passar o tempo e a oportunidade antes que nos tornemos irreversivelmente uma colônia. ●

Leia no www.patrialatina.com.br



O bombardeio da TV Líbia e os crimes de guerra da OTAN



OTAN bombardeia TV estatal da Líbia

O bombardeio da TV Líbia, dando continuidade aos criminosos bombardeios da OTAN contra o país, atingindo já alvos civis, residências familiares, hospitais, pontes, estradas e estações de energia, merecem o mais enérgico repúdio de toda humanidade, sendo inadmissível que governos progressistas não se unam para exigir a condenação dos líderes imperialistas por crime de guerra. Toda a Convenção de Haia vem sendo diuturnamente violada. Isto é crime de guerra!

É fundamental que o governo Dilma encabece iniciativas neste sentido, com apoio dos partidos, das Centrais sindicais e dos movimentos sociais, o MST, a UNE. Qualquer país que tem petróleo e riquezas minerais, e uma política soberana, pode ser o próximo alvo, como o Brasil, ou a Argentina, que já foi alvo de neocolonialismo na Guerra das Malvinas. Diante destes crimes, revela-se o equívoco do Itamaraty votar contra o Irã no tema dos direitos humanos, usando-o como baliza de sua política externa. E agora, com esta carnificina imperialista da OTAN, por que não exigir mais além da suspensão dos bombardeios à Líbia, a abertura de um processo contra estes dirigentes como Obama, Sarkozy, Cameron, Zapatero, – que estão usando munição de urânio empobrecido na Líbia – e sua condenação por Crimes de Guerra?

Há uma sintonia fina e perversa entre este bombardeio à TV Líbia, o terrorista de Oslo e os bombardeios contra Iraque, Afeganistão e Líbia, e também os massacres de Shabla e Shatilla contra palestinos. Cada piloto é um Anders Breivick! O massacre realizado por esse “killer” norueguês não é produto de uma mente louca, mas de uma ação da Otan. São os “exércitos secretos” da Otan, como foram a Gladio e a P2 da Itália, que saem à luz publicamente. Ações desse tipo já foram anunciadas na reunião de Cúpula da Otan em Lisboa, onde o tal do “novo conceito estratégico” anunciava o perigo do terrorismo “interno” nos países membros da Otan. Este massacre é para advertir os chefes dos partidos socialistas que tem força no parlamento e em vários governos europeus para que se mantenham firmes contra a Líbia e intimidem estes movimentos sociais críticos que começaram na Espanha e se alastram pela Europa. E todo este crime recebe uma cobertura midiática que vai da Al-Jazeera à BBC, todos defendendo os “bombardeios humanitários”... É urgente que a TV Brasil divulgue o trabalho feito pela Telesur, única TV internacional que transmite a partir de Trípoli. Isto sim, seria parte de uma aplicação coerente dos direitos humanos em política externa. ●

Leia mais sobre a Líbia no jornal “Revolução Socialista”, no. 29 (Março 2011) ou no site: www.revolucaosocialista.com

As estatizações, os direitos democráticos, a função dos sindicatos e o progresso revolucionário no Peru

26 de novembro de 1973

J. Posadas

A vitória eleitoral de Humala Ollanta reforça as possibilidades de retomar o processo nacionalista revolucionário dos anos 70 no Peru, da “Revolução Inca”, promovido pela corrente do general Velasco Alvarado e interrompido por sucessivos governos neo-liberais dos últimos 30 anos (desde o golpe de Morales Bermudez, a Fujimori, Toledo e Alan Garcia). Apesar de toda a pressão contrária, e da campanha midiática desonesta a favor da filha de Fujimori, apoiada abertamente pela BBC de Londres, o povo peruano mostrou que, quando há uma proposta que une as forças sociais, sua consciência se manifesta, recuperando o que está na memória social, e revelando, uma vez mais, o papel das correntes militares progressistas. No contexto atual do fracasso global e sistêmico do capitalismo que tem levado ao surgimento de governos progressistas na América Latina, desde a Venezuela, Equador, Bolívia, Argentina, Uruguai, Brasil, Nicarágua e os países da ALBA, o triunfo de Humala amplia o cordão unificador dos países soberanos e povos da região contra o imperialismo. De fato, o seu governo já iniciou bem, presidindo a recente reunião de emergência de UNASUR em Lima, diante da crise econômica mundial, onde predominou a linha de não aceitação de que o FMI e os EUA descarreguem sua crise sobre as economias dos novos países insurgentes da América Latina e, que medidas como uma nova moeda, o “sucre” e a implementação do Banco do Sul, estão na ordem do dia.

Humala Ollanta, declarou no dia da sua posse tres decisões importantes: um imposto sobre as mineradoras; o pagamento de uma aposentadoria para todos os idosos (uma espécie de “bolsa família” ou de Funrural dos militares); e o não reconhecimento da Constituição de Fujimori.

Oportunamente, estamos republicando o artigo de J. Posadas que deu a devida importância a processos militares nacionalistas de então, como Juan Torres na Bolívia e Torrijos no Panamá, bem como ao governo de Alvarado que nacionalizou o petróleo, a indústria da pesca, criou organismos de mobilização popular como a SINAMOS, estabeleceu relações com vários países socialistas de então. A contribuição essencial deste texto se refere às medidas necessárias para fazer avançar governos nacionalistas a estruturas sociais de Estado revolucionário e poder popular para impedir golpes e avançar rumo a transformações socialistas.

Este artigo foi traduzido e extraído do livro “América Latina: do Nacionalismo Revolucionário ao Socialismo”, de J. Posadas, publicado em Coedição entre a Edição Ciência Cultura e Política (Brasil) e a Editora “Perro y La Rana” do Governo Bolivariano da Venezuela. Por questão de espaço, o texto não vai na íntegra nesta edição. Leia-o na versão completa no site: www.revolucaosocialista.com

No Peru, o governo quer avançar impulsionando a propriedade social, que é um dos pontos mais difíceis para a direção nacionalista; está buscando formas para o desenvolvimento da economia, afirmando o movimento operário e impedindo o reforço, a extensão, a reprodução da burguesia como classe.

É preciso promover um debate sobre os problemas da propriedade privada, da comunidade industrial, da propriedade social e a propriedade estatal, a função e

importância histórica dessas formas de propriedade e os seus resultados concretos na história. Tanto a comunidade industrial, como a propriedade social, são veículos muito débeis para o desenvolvimento da economia (1). O problema consiste na capacidade de produzir, de desenvolver, de associar a população à produção e à rentabilidade para o desenvolvimento conjunto da economia, e não somente para a empresa. A rentabilidade não pode ser medida em função de uma empresa ou outra, pois cada uma tem seu interesse privado. A rentabili-



Humala Ollanta, novo presidente do Peru

dade para ela se baseia no seu bom funcionamento, a custos dos demais. Desta forma se desenvolve o interesse de um ou outro, numa espécie de autogestão minimizada.

As formas de propriedade são fundamentais para a produção. A comunidade industrial, mesmo com a intervenção dos operários, não é uma saída. Os operários podem melhorar a produção dessa fábrica, impedir o roubo e o desperdício. O custo de produção será um pouco inferior a antes, mas de todas as maneiras terá que competir com os demais. Desta forma, a apropriação se reduz ao interesse dessa fábrica, sem lhes importar como vão as outras, nem como se coordena a matéria prima, a venda, o uso, a acumulação do capital, a rentabilidade em todo o país, a não ser o da própria empresa. Portanto, há um desperdício geral e uma falta de acumulação suficiente, porque cada empresa faz o que quiser, cada uma vai querer tirar o maior proveito à custas dos demais; cada fábrica terminará em função do seu lucro, e o preço e a matéria prima, às custas da população e dos setores menos pagos da fábrica.

A planificação da produção não serve para realizar a equidade e a igualdade, mas é a forma necessária para que avance a produção geral de todo o país. O Peru é um país que precisa competir no mundo; não tem a força para desenvolver uma economia que abasteça a população. Para isto, é necessária a planificação e a estatização da economia. A planificação se faz de acordo à capacidade, à necessidade, a força que tem o país e, conseqüentemente, não à acumulação de uma ou outra fábrica onde cada um trabalha sem lhe importar o outro.

O problema geral a resolver é: que forma de propriedade é necessária para construir um grande Peru que produza para toda a população. O Peru é um país essencialmente camponês e com um mercado consumidor muito estreito. Para criar um grande mercado consumidor, necessita-se de uma grande produção industrial. Mas, o país não tem o tempo para realizar, nem os meios e as condições através desta forma



Juan Velasco Alvarado

atual de propriedade. Mas, se fizer a expropriação e a estatização, tendo o Estado todo nas suas mãos, será possível planificar a produção. Se a propriedade social se eleva rumo à planificação, então já estaremos falando de propriedade estatizada. Neste caso, não se trata somente do interesse de uma ou outra fábrica; não será mais o pessoal ou os administradores de fábrica os que decidirão, mas o Estado na forma centralizada.

É preciso referir-se às experiências dos Estados operários, mesmo com todos os seus erros e com a falta de democracia soviética proveniente da era “staliniana”. A China passou, em 25 anos de propriedade estatizada, de um país oprimido pela fome, pela seca e inundações, matanças e miséria, a exportar máquinas e energia atômica. A União Soviética, em 65 anos, passou de ser o país mais atrasado da Europa capitalista, ao país mais adiantado do mundo depois dos EUA e em muitos aspectos superior. Apesar de erros e limitações devido à anulação da democracia soviética, e de todos os erros cometidos na época de Stalin, que a propriedade estatizada, a planificação da produção levou adiante semelhante progresso. O que é preciso melhorar nos Estados operários é a planificação e a intervenção democrática das massas.

A estatização, a planificação da economia e a intervenção democrática das massas são os três elementos insubstituíveis do progresso da população. Inclui-se a liberdade de discutir publicamente todos os problemas, inclusive, a diferença de salários, a limitação que a diferenciação representa. Isto cria na população o sentimento de justiça, de compreensão, de resolução coletiva que é a forma mais completa da chamada comunidade. Caso contrário, sempre existirá a diferenciação interior entre o operário que recebe menos e o

administrador ou o planejador que têm interesse em produzir de maneira a ganhar mais. Em geral, o operário não tem esse interesse, mas não decide. Então, os que planejam, os que determinam a vida da fábrica, farão tudo para conseguir o melhor resultado: a forma de produzir, o que produzir, a forma de vender, a materialização do preço, tudo de acordo ao que lhes convém. As massas não podem intervir porque não têm a possibilidade de pensar e decidir.

É essencial que o exército intervenha como parte de todo este processo, submetido a esta forma; não imediatamente porque o exército tem uma ala reacionária que se prepara para dar um golpe, mas é preciso estimular os sindicatos camponeses e operários a influê-lo com este objetivo. O poder deve estar em mãos da população, seja através do governo, dos órgãos que sustentam o governo, para que exerça a função de controle para impedir atentados, sabotagens ou oposição a estes planos de desenvolvimento da economia coletiva.

Todos os países que se desenvolvem devem encarar, inevitavelmente, a estatização dos setores estratégicos da economia e a planificação da produção; desenvolver a produção com planejadores ou com gerentes, conduz a que estes levem uma parte da produção e planejem de acordo com seu próprio critério e usufruto privado. Para impedir isso, é preciso impulsionar a população a que intervenha e construa um partido de massas.

É preciso organizar uma intensa atividade cultural e revolucionária junto aos camponeses, aos operários e estudantes, levando este programa e enfrentando todas estas alas reacionárias do APRA (2) que estão preparando um golpe contra o governo, fazendo greves como as que fizeram no Chile de Allende, como esta greve da SUTEP (3) que é uma greve reacionária. Apesar de pedir reivindicações atendíveis, como um aumento salarial, a finalidade da mesma é contra-revolucionária. É uma escusa para golpear o governo.

Chamamos o governo peruano a que responda a esta necessidade e que dê a plena democracia aos operários das fábricas, das minas, e aos camponeses. Que façam comícios e que dêem sua opinião com plena democracia sindical. Se o governo não fez isso ainda é porque não se sente com a força e porque seu programa é limitado. Isto conduzirá a encerrar e a limitar o desenvolvimento da economia.

A democracia sindical é um fator fundamental para o desenvolvimento da economia. Caso contrário, o deixam em mãos dos técnicos, dos gerentes que, de toda maneira, confiam na propriedade privada. Com a sua capacidade individual, à custa dos operários que são os que produzem, eles tiram maior proveito para a propriedade privada. Pelo contrário, sob o controle



Povo peruano comemora o triunfo de Humala Ollanta e se junta às fileiras da luta pela soberania dos povos da América Latina

operário, desenvolvendo técnicos e engenheiros, com a mesma capacidade, mesmo sem títulos, se atua com o interesse nacional e não em benefício pessoal.

Os operários e os camponeses devem concretizar esta tarefa; desenvolver muito mais a coletivização da agricultura, passando da comunidade agrária à coletivização da produção. Se não há meios técnicos, a planificação se reduz e é lentíssima. Mas, mesmo sem uma coletivização geral, podem-se fazer algumas experiências importantes acompanhadas de cooperativas. Isto deve ser apoiado por uma vasta atividade de planificação educacional, de distribuição mais equitativa, de participação das mulheres e das crianças, realizando planos de trabalho; mesmo com meios técnicos escassos ou falta de maquinários é preciso desenvolver estes planos. Pode-se realizar experiências de comunas, como na China, nas quais se organize as forças dispersas das zonas camponeses em territórios comunais, com plena democracia soviética para discutir todos os problemas e planificar a produção.

Tudo isto requer organizar um partido, uma direção, ter programa e objetivo para estas conclusões. Indubitavelmente, o governo e todos os setores militares não podem ter confiança neste processo, mas não o rechaçam. Eles têm demonstrado compreensão e realizado progressos. Uma das resoluções desta equipe de militares é avançar na economia. Eles são conscientes; declararam e demonstraram que o capitalismo não pode desenvolver a economia e buscam de forma cada vez maior o apoio dos Estados operários.

É preciso ajudar a esta equipe militar a alcançar esta compreensão. Isto requer organizar as massas, as equipes de operários, camponeses e estudante em organismos políticos de discussão e planificação. Estes militares não têm experiência e sentem que podem ser superados; junto com um progresso muito grande, eles demonstram certo temor, cautela, desconfiança;

temem a direita do exército que está esperando para dar o golpe e levantar-se. Portanto, é essencial mostrar que é preciso mobilizar a população, não somente através da agitação política, mas expropriando as fontes de poder da burguesia. Expropriar a terra, o comércio, a imprensa! Expropriá-los! Esse é o caminho para avançar. O capitalismo vai cair encima, mas também vai surgir o apoio. No Chile, o imperialismo pôde golpear porque não se expropriou. Mas, o fato que demorou tanto para isso, indicou que não estava seguro. O apoio virá da Argentina para reanimar o Chile; e também da Colômbia, do Equador, da Venezuela, do México e do Panamá. A situação do Panamá é formidável. É um pequeno país, que vive submetido, atrelado ao imperialismo, e mesmo assim, se anima a acusar, ameaçar e a chamar a lutar contra ele. Esta equipe de militares, de civis nacionalistas revolucionários no Panamá tem tal decisão porque é um reflexo da revolução mundial. O Panamá não tem a possibilidade de estender-se por suas próprias forças. O que lá ocorre é um movimento popular apoiado nos sindicatos, universitários e camponeses. Ajudar o Panamá é desenvolver a revolução no Peru. É preciso ajudá-lo econômica, política e militarmente e, ao mesmo tempo, fazer com que no Panamá se organize um movimento revolucionário que leve adiante as tarefas das estatizações, expropriações e expulsão do imperialismo. Tudo isso acompanhado pela luta revolucionária na América Latina e no resto do mundo.

A função insubstituível dos sindicatos no Peru

O movimento operário se move sempre em função do interesse social, não da propriedade ou das novas formas de propriedade. Por isso a autogestão na Iugoslavia fracassou. Todas as tentativas de autogestão terão o mesmo fim. A autogestão na Iugoslavia resultou na descentralização, no enriquecimento poderoso de camadas que se vincularam com o

imperialismo e que tentaram esmagar o Estado operário iugoslavo. Mas, sua estrutura econômica foi mais poderosa que todos os erros e os superou, liquidou a todos os que estavam contra a propriedade centralizada, estatizada e planificada e agora se está reanimando.

Os sindicatos têm um papel essencial com sua intervenção porque objetivamente buscam o desenvolvimento da produção, da sociedade; não têm interesses individualis. Os operários de Cerro de Pasco no Peru disseram: “se estatizam as minas, trabalhamos doze horas por dia”; enquanto que a patronal de Cerro de Pasco lhes reivindicavam seis horas de trabalho. Os camponeses também disseram: “se é para o desenvolvimento do Peru, estamos dispostos a trabalhar; mas, se é para a oligarquia, não”. Os operários demonstram que não têm interesse de casta e de classe oposto à necessidade do desenvolvimento do país. O interesse dos operários coincide, é harmônico com o interesse do desenvolvimento do país.

É preciso desenvolver o movimento sindical e pedir democracia sindical para todos: discutir, falar, resolver e fazer as demandas e reivindicações necessárias. Discutir com o governo aquelas que devem ser limitadas e as que não. Por exemplo, os operários de Cerro de Pasco estão dispostos a limitar suas reivindicações se o governo nacionaliza a empresa.

É preciso chamar a criar um movimento que contemple o desenvolvimento, os direitos democráticos e conter os pedidos particulares de aumentos de salários. Os sindicatos também querem desenvolver o Peru e acompanhar esta experiência. Posteriormente, é preciso colocar todas as reivindicações. Estas reivindicações de categorias (como a dos professores) não são totalmente indispensáveis, dada a situação atual do Peru e a dos setores mais necessitados da população.

É preciso mostrar aos professores que o que eles reivindicam é justo, mas que, se eles quiserem conquistar com todo custo, fazem uma mobilização que favorece ao imperialismo. É preciso manter as reivindicações imprescindíveis, mas ter em conta, ao mesmo tempo, a situação existente no Peru de modo a fazer uma frente com o governo a fim de avançar. Há que dizer: renunciamos aos nossos pedidos particulares se vocês nacionalizam as minas de Cerro de Pasco sem indenização. Renunciamos a nossas reivindicações se vocês coletivizam as terras. Isso não significa renunciar à luta de classes, nem ao interesse de classe, mas por o interesse de classe a serviço do processo revolucionário.

É preciso dirigir-se persuasivamente ao governo, para apoiá-lo na resistência contra o imperialismo, manifestar-se no rechaço ao imperialismo e o apoio à política nacionalista; chamar a expropriar tudo o que res-



Humala Ollanta visita e se solidariza com Hugo Chávez

ta da oligarquia, seja na imprensa, as terras, as fábricas. As mobilizações sindicais devem se apoiar nestas bases. Há que condenar todo movimento que sirva à preparação da contra-revolução como ocorreu no Chile com os motoristas de caminhão, e ter consciência de que o imperialismo está à espera de dar um golpe.

Por sua vez, o governo nacionalista não pode pedir aos operários, estudantes e professores que deixem de reivindicar quando se pode satisfazê-los. É necessário construir a direção e o partido para ordenar as reivindicações, sem ceder ao inimigo de classe, apoiando o governo nacionalista para que avance nas medidas antiimperialistas, enquanto se constrói o partido operário baseado nos sindicatos.

O governo deve reduzir a dependência aos técnicos e aos engenheiros. Diante da ameaça da penúria de técnicos é preciso formar rapidamente novos profissionais, acudindo aos Estados operários para que colaborem na sua formação; enviar equipes de operários para a formação técnica e aprender na marcha; realizar cursos e estudos nos sindicatos para discutir a técnica, a planificação, a administração; que se realizem escolas e programas de educação onde se estude, desde a escola primária à universidade, a necessidade da planificação para desenvolver o Peru contra a oligarquia, contra o imperialismo, contra os latifundiários que são um impedimento ao progresso.

A crise atual do sistema deixa claro que nenhum Estado capitalista e, muito menos um capitalismo tão atrasado como a América Latina, pode sair da miséria e competir com os grandes países desenvolvidos; excepcionalmente algumas camadas podem enriquecer-se, mas o país, não. Portanto, é preciso buscar as formas de produção e de propriedade que permitam superar o atraso: propriedade estatizada e produção planificada.

Eis é uma medida que devem tomar os governos do Peru e do Equador: o monopólio do comércio exterior. O lucro vai para o Estado e este pode reinvestir no desenvolvimento da economia do país, melhorando as condições de vida da população; pode determinar onde investir, debilitando a propriedade da oligarquia. Esta incorrerá na sabotagem e na contra-revolução, e en-

contrará sempre no APRA a tendência para isso. Mas a base da APRA pode ser ganhar. Para isso, os setores que estão dispostos a avançar na revolução devem aplicar medidas contra a propriedade privada.

É preciso chamar o exército a intervir e que os soldados intervenham nesta forma, realizando cursos sobre todos estes temas. Tanto o soldado como o general, deve realizar esta tarefa: desenvolver o Peru para todos os peruanos, e não para um pequeno grupo seletivo. Todos os peruanos são partes da América Latina e do mundo. Há que tomar medidas dentro do exército, introduzir os direitos sindicais, civis e os direitos políticos. Não se deixa de ser cidadão ao trabalhar no exército. Da mesma forma como não perde seus direitos quando vai ao trabalho ou ao colégio. Porque os perderia ao entrar no exército? É preciso manter os direitos políticos e sindicais. Isso aumentará o peso das alas, dentro do exército, que apoiarão as medidas revolucionárias do governo, chocando contra a estrutura, sem afetar absolutamente a função militar.



Dilma na posse do presidente Humala Ollanta

A função do militar não está determinada pela rigidez da disciplina, mas pelo objetivo que sustenta. Os melhores exércitos do mundo são aqueles que mostraram que defendem o progresso da sociedade: o exército soviético, o chinês e o cubano. As massas cubanas derrotaram a invasão de Playa Girón. O exército vermelho derrotou o imperialismo nazista em Stalingrado. Os chineses derrotaram Chang Kai Chek e o imperialismo mundial. O povo coreano, sem nada, venceu contra a Coreia do Sul, que atuava em nome do imperialismo ianque e derrotaram a Mac Arthur. São exemplos para não esquecer. Os vietnamitas derrotaram o imperialismo ianque, com o apoio militar soviético e das massas do mundo que não intervêm pessoalmente nas lutas militares, mas nas lutas sociais contra o imperialismo, impedindo que este interviesse como classe no Vietnã. São exemplos nos quais devem se apoiar os dirigentes revolucionários dos exércitos e governos nacionalistas do Peru e do Equador. ●

(1) *Lei de Empresas de Propriedade Social que (criada pelo governo nacionalista do general Velasco Alvarado em 2 de maio de 1974)*

(2) *APRA; Aliança Popular Revolucionaria Americana, partido burguês conservador*

(3) *SUTEP: Sindicato Unitário de Trabalhadores na Educação do Peru.*

A valentia do nosso Chávez e o alerta contra o império (*)

Não é comum ver o comandante Chávez ler uma mensagem, dado que estamos acostumados a ouvi-lo improvisar longos discursos ou conversações. Por isso, nesta hora fática, vendo-o ler quase um relatório médico que fala sobre a sua saúde, com a mesma coragem daquele glorioso 4 de fevereiro de 1992, do "Por enquanto!"⁽¹⁾ e corajosamente assumir a responsabilidade pelo levante, como nos dias sombrios de 11 e 12 de Abril de 2002, seqüestrado pelos militares fascistas, reduzido, e, com a astúcia de uma raposa, consegue enviar uma mensagem ao seu povo, mudando assim o curso dos acontecimentos, e às 47 horas retomando o poder graças à ação do povo/exército.

Hoje, o vemos com a mesma valentia, a face triste, um pouco magro, mas de pé, forte, otimista e transmitindo a fé ao povo e exortando-nos a continuar a luta pelo socialismo. Como este líder cresce na adversidade! Que líder de quilates tão altos que nós, os venezuelanos, nos damos ao luxo de ter! Que outra fé o levanta, senão o amor a seu povo e à revolução bolivariana, e à certeza de que a mudança social é profunda?

Ninguém contava com isso, nem o próprio Chávez que hoje assume publicamente que cometeu erros importantes com a sua própria saúde. Ele, na sua paixão incomensurável com a revolução, ultrapassou sua força física, com uma atividade fora do normal, um homem-vendaval, que quer que tudo seja feito rapidamente e bem; mas sacrificou sua saúde, e talvez essa descoberta inesperada de uma doença na região pélvica, que felizmente foi detectada e extirpada pela magnífica medicina e ciência cubana, o obrigue a mudar os ritmos da sua atividade, considerando que ainda tem um ano e meio de governo e que 2012 é um ano eleitoral e nessa jornada em que a revolução bolivariana e socialista aposta a sua sorte e o seu destino, ele deve estar em ótimas condições para a vitória esmagadora que obteremos, e a sua reeleição será uma garantia fundamental para a continuidade revolucionária.

Há vários casos recentes na América Latina de presidentes acometidos por doenças graves como a que hoje afeta o presidente Hugo Chávez: a

presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, que sofria de câncer linfático; o presidente do Paraguai, Fernando Lugo, que também teve câncer linfático. Todos superaram seus males e estão dirigindo seus povos. Ao que tudo indica, a do Chávez é menos grave.

Mas tão esmagadora revelação que chocou todo um povo, não nos pode abater e fazer-nos descuidar diante das astutas ciladas do vil e voraz imperialismo norte-americano e seus lacaios crioulos. Sabemos quão maus e canalhados são, e que vão tentar confundir e explorar esta circunstância. É preciso preparar-se para enfrentar a conspiração de Obama, do fascismo e do neo-fascismo crioulo que começará com o pútrido esgoto da Globo Terror, da União Rádio, do jornal El Nazional e o do Universal e toda a sem-vergonhice dos meios nacionais e internacionais, que, sem dúvida, vão tentar tirar proveito da situação política e tentarão desestabilizar. É preciso impedir isso; impor a lei "Resorte" (Lei de Responsabilidade Social) para os canais de televisão, fazer com que a cumpram, e se a violam, fechá-los!

É preciso ocupar as ruas! Não ceder os espaços, nem permitir que a direita e a extrema direita externem suas asquerosas garras golpistas. Se a direita armar provocações, a força do povo na rua deve derrubá-la! Unir-nos mais, fortalecer a revolução, os movimentos sociais, os partidos de esquerda! Unir e afinar o Exército e ativar as Milícias Populares! É preciso preparar-se para tudo e colocar a mão firme frente à contra-revolução. Não deixar que passem provocações, nem que deixar que se agrupem forças para lançar e destruir a revolução.

É hora que saia à arena a liderança que foi forjada com a revolução, os homens e mulheres que se têm forjado no calor destes 12 anos de luta revolucionária e a legião de revolucionários que sempre lutaram na frente de uma esquerda que nunca vacilou: o PSUV, o PCV, o PRT, o MEP e a legião de organizações operárias, camponesas e estudantis.

O tempo é primordial, único e, como povo e como vanguarda revolucionária há que marchar como um único povo, continuar a obra de Chávez e da revolução. ●

Caracas, 30/06/2011
Humberto Gómez García
humbertocaracola@gmail.com
revistacaracola.com

(*) Artigo extraído da Revista Caracola (Venezuela)

(1) "Por ahora" é uma frase que foi utilizada pelo comandante Chávez, nessa data, durante o levante militar. Frase enigmática que escondia ações de futuras lutas e o triunfo revolucionário como ocorreu em 1998, ou seja, após 6 anos.

Os desafios do processo revolucionário no Irã

A situação no Irã está fugindo do controle de Khamenei e continua na direção de um golpe sui generis, sutil, gradual, mas em todos os campos, todos! A questão é que prenderam membros mais próximos de Ahmadinejad; já desde ontem, houve uma segunda onda de prisões, ao mesmo tempo em que não é claro ainda o que ocorreu com a primeira onda. Não se divulga nenhum nome dos presos, mas tudo indica que Esfandiar Rahim Mashaeie, o vice de Ahmadinejad no Gabinete da Presidência é um deles. O Parlamento e o Judiciário promovem ataques e, como que querendo definir a situação, buscam eliminar Ahmadinejad através de um “impeachment”. Não se trata mais de uma pura luta interior, política e de classe. É algo mais. É o golpe de órgãos de Estado contra órgãos do Estado. A contra-revolução não pode dar nenhum golpe cruento, porque tem que reprimir a reação espontânea da população, dos milicianos organizados e também parte importante do Pasdarán (Guardiões da revolução). Isso não é possível, mas o que realmente ocorre é um golpe palaciano, do parlamento que há pouco denunciou o governo para a magistratura em um ataque cruzado, entre bigorna e martelo, pelo fato de não haver obedecido, nem feito, nem aplicado a tempo, decisões do parlamento.

Há 3 anos, nas últimas eleições legislativas, a maioria do atual parlamento lançou falsamente sua candidatura como “fundamentalistas”, apoiando a Khamenei, abusando de falta de partidos, organizações e programa. Na realidade, eles representam as cúpulas das máfias dos poderes locais. Que fizeram então? Viraram a casa ao entrar no parlamento, colaborando com a minoria neoliberal defendida por Ali Larijani, presidente do parlamento. No parlamento, constituído por 290 delegados, mais ou menos 80 são liberais, 80 estão ausentes e representam dirigentes de empresas privadas, e somente 50 são os que sustentam o gabinete do executivo.

Todo o Quinto Programa Quinquenal e o seu balanço financeiro foram radicalmente modificados na sua natureza, o que o parlamento não pode fazer, transformando o decreto governamental em sua própria lei, demorando tanto, antes de ser aprovado para prolongar o Quarto Programa liberal

de Khatami por mais um ano; isso foi aprovado em plenária do parlamento, atando mãos e pés ao Executivo e ocultando esta manobra, contra os protestos de Khamenei e do governo após ataque como os de supostos roubos de bilhões de dólares por parte do governo. O parlamento impõe seu poder por cima de todos, e quer que o governo seja somente um executor. Isso é uma transgressão da Constituição da República Presidencial

O eficiente Ministro das Comunicações, Behbehani, foi deposto pela maioria do parlamento no ano passado, na sua ausência, sem poder defender-se. Ele estava por denunciar os empresários privados que não estavam regulares, ou que construíram coisas desastrosas para golpear Ahmadinejad durante as eleições presidenciais de dois anos atrás. São verdadeiros sabotadores. Agora, conseguiram suficientes firmas para discutir a demissão de Najjar, o Ministro do Interior, de origem militar que foi Ministro da Defesa no precedente governo de Ahmadinejad. Ele também é de uma grande eficiência. Tudo isso é uma provocação contra as próximas eleições do parlamento de 4 de março próximo.

No campo da política exterior, a questão da Líbia interrompeu as relações entre a República Islâmica do Irã e a dos aliados antiimperialistas como a Venezuela e os demais países da ALBA e Brasil, enquanto que a Turquia mudou sua posição contra a Síria (pouco depois, a Turquia mudou novamente a favor da Síria, mas no final, reconhece oficialmente o fantasmagórico Conselho transitório nacional líbio. Este ponto é importante de se destacar porque Hashemi Rafsanjani fez uma declaração há tempo a favor dos tumultos na Síria e há poucos dias, Ali Larijani, presidente do parlamento, esteve na República de Azerbaijan propondo uma reunião para uma colaboração estreita entre o Irã, Azerbaijan e Turquia. É preciso recordar que a Otan moveu seu comando de forças de terra na Turquia e Azerbaijan é um aliado e serve de ponte da Otan, entre os da bacia do mar Caspio, o que permite acesso ao foco da crise com a questão de Qarabakh, a zona de conflito com a Armênia. Larijani apoiou a “integridade territorial” de Azerbaijan; enquanto isso, Ahmadinejad teve que interromper a sua

viagem à Armênia e não se sabe do que se tratava.

A Armênia é mais próxima ao Irã e com muito mais relações estratégicas que com Azerbaijan. Estas manobras de Ali Larijani significam meter gasolina no fogo. Isso é reforçar a Otan na zona e pressionar a Turquia nesta direção. Isto é parte de um plano contra-revolucionário e uma provocação contra a Rússia e Bielorrússia; é uma incitação aos nacionalismos, como fez o presidente neo-liberal anterior, Mohammed Khatami. O Irã importa muita eletricidade desde a Armênia e exporta muito gás para esta república. A política de Ahmadinejad foi sempre de ser útil e de ajudar a buscar acordos entre os dois. Um dos presos, próximo a Mashaeie e Ahmadinejad foi o responsável da Zona Franca de Jolfa no Azerbaijan iraniano que une na parte sul as repúblicas do Azerbaijan, da Armênia e da autônoma Nakhijavan.



Ahmedinejad disse na ONU;
“Energia Nuclear para Todos!,
Armas Nucleares para Ninguém!”

Sim, o parlamento condenou, em seguida, o “ditador líbio” com a exata verborragia de los agressores de “quem mata a sua própria população”, e todos os meios do Irã se opuseram à Líbia. Não se trata de equidistância. Ao não condenar a agressão da Otan, ao chamar de “revolucionários” aos opositores, mercenários e chefes, agentes declarados do imperialismo e do chamado Conselho de Transição da Líbia, reconhecido pelos agressores; al criticar à Otan por não apoiar suficientemente os contra-revolucionários separatistas e fazer o duplo jogo “apoiando pouco aos combatentes”, tudo isso, demonstra que foi um plano já feito antes, junto com a mídia imperialista.

Em geral, pode-se dizer que os fatos nos países árabes acentuaram o processo de crise de identidade da revolução iraniana e pôs à luz o espírito dos grêmios reacioná-

os, anti-comunistas e anti-socialistas. Aí está o rancor, o ódio e a concorrência egoísta dos setores clericais ortodoxos islâmicos, que antes e durante a presidência de Rafsanjani apoiaram à Otan na guerra contra a Iugoslávia e, durante o governo de Khatami, na guerra do Afeganistão, e agora contra a Jamahiria popular líbia, alinhando-se à Otan.

É preciso recordar-se do que era a República Islâmica do Irã antes da chegada de Ahmadinejad. O paraíso fiscal dos dinheiros sujos, dos capitais sem impostos, dos Ayatolás milionários, com as o dinheiro especulativo diretamente do Banco Central aos Bancos de Dubai e do mundo. Com a moeda exterior de petrodólares exposta à chantagem dos bancos imperialistas. Uma riqueza e uma acumulação tremenda de capital financeiro especulativo e de renda, de transações com os vizinhos, no Golfo Pérsico, sobretudo com os Emirados Árabes unidos e empresas petroleiras e de gás como “Crescente” ou a de “Dick Cheney”, e o filho de Rafsanjani, Mehdi, em tudo isso, enquanto havia uma pobreza interior, com pessoas entregues à própria sorte. São os mesmos que se juntaram e reacionaram para se salvar; e nisto, só podem se aliar com o imperialismo.

Rafsanjani foi visitar o Rei da Arabia Saudita há dois anos e, Ali Larijani foi há um ano atrás visitar Husni Mubarak. Este não saudou a vitória histórica de Ollanta Humala no Peru. Isso indica que esta nova vitória da frente dos países soberanos aliados com Chávez lhe incomoda. A magistratura fechou vários sites informáticos de pessoas físicas e jurídicas próximas do Presidente. A magistratura não condenou os especuladores, os corruptos econômicos e se lançou contra os diretores do IRNA, noticiário do governo, e condenou o presidente, mesmo com o jurado que votou em seu favor. O jurado protestou, mas a ordem dos tribunais se impôs. Instalou-se uma ditadura jurídica e parlamentar legislativa. O parlamento muda e rechaça as diretivas do governo, e, ao mesmo tempo, aprova que para ser candidato às próximas eleições do nono parlamento, é obrigatório ter uma graduação superior ao da licenciatura universitária: entre a licenciatura e o doutorado.

Ahmadinejad interveio anteontem e disse que vai continuar no silêncio. Isso foi pedido, provavelmente, por Khamenei. Porém, disse que se atacarem o seu gabinete, isso significará que o país e a revolução estão em perigo e, portanto, ele vai se dirigir à população! ●

5 de julho de 2011

(Leia o texto completo no site:
www.revolucaosocialista.com)

ESPAÑA

O MOVIMENTO “DEMOCRACIA REAL JÁ!”

A rebelião das massas na Europa, particularmente na Espanha e na Grécia merece destaque especial e a nossa solidariedade neste contexto mundial em que as chamadas grandes potências capitalistas, capitaneadas pela Otan, decidem deflagrar a guerra contra a Líbia e os países do Oriente Médio, para despistar sua abissal crise econômica sistêmica. A situação abaixo narrada por nossos companheiros espanhóis surge de uma explosão de consciência, fruto da contradição sentida na própria pele pelas massas europeias, especialmente dos jovens, que não querem pagar pela crise, nem dobrar-se frente aos gastos militares de uma guerra inventada, criada com a cumplicidade dos grandes meios de comunicação, e imposta pelos “senhores da guerra”.

Outra característica destes movimentos pela “Democracia Real Já!” é a crítica explosiva que supera as direções dos partidos da esquerda europeia, atreladas nas últimas décadas à política parlamentar amorfa e conivente com o neoliberalismo. A perspectiva de sucesso e a continuidade destes movimentos depende da superação desta deficiência. A ação espontânea das massas necessita ser canalizada para a formação de órgãos de poder, numa real revisão do que significa ser um partido revolucionário de massas.

Trata-se de tarefa complexa tendo em vista o abandono da política e do programa revolucionários por alas importantes da esquerda europeia. Basta citar que a Espanha, em meio a esta crise monumental, participa da Guerra Imperialista contra Líbia e a esquerda espanhola ainda não organizou uma ação de protesto contra este crime, que se reflete no desemprego e na queda do nível de vida da população.

É imprescindível que uma direção se estruture em tempo de organizar as lutas pelos problemas e conquistas locais e nacionais, internacionalizando o embate contra a crise econômica, enfocando uma decidida oposição à guerra. Não há como impor uma “democracia real”, sem opor-se à falsa “democracia dos mísseis”, ao ataque da Otan contra o povo líbio, às ameaças à Síria, a ocupação do Bahrein. Não há recuperação econômica para a Europa e nem para os EUA, sem mudar completamente a programação da economia, solucionando os grandes problemas destes países, especialmente o desemprego crescente. Sem isto, não há solução mesmo sem guerra; e com guerra será o suicídio em massa. A única saída é a transformação revolucionária.

O movimento dos “indignados” na Espanha é de uma importância fundamental e influenciou amplos setores da sociedade. Os jovens disseram “Basta!” e começaram a conectar-se por SMS, internet e organizar pequenas reuniões que foram crescendo rapidamente e que encontraram eco em outros setores marginais e castigados pela crise econômica, política e social: desempregados, estudantes e profissionais sem perspectivas de futuro, afetados pelas hipotecas e pelo negócio imobiliário. Desta forma surgiu o movimento dos “Jovens Indignados” cuja palavra de ordem era: “Sem casa! Sem trabalho! Sem aposentadoria! Sem medo!”

Este movimento chamado de “Democracia real já!” estendeu-se às praças mais importantes da Espanha. Em Barcelona instalou-se uma assembleia na Praça Catalunha: começou com 100 pessoas e acabou recebendo a solidariedade das Associações de vizinhos, movimentos sociais, aposentados, estudantes e donas de casa. Todo mundo, em algum momento do dia, dava uma escapada do trabalho e vinha participar desta experiência.

A cada dia aumentava o número de acampados, pondo à prova o amadureci-

mento do movimento que, mesmo com dificuldades respondeu às necessidades. Organizaram-se comissões de comida, limpeza, comunicação, ecologia, atividades e debates sobre imigração, vítimas de hipotecas, questões internacionais, meios de comunicação. Formaram-se uma biblioteca pública, uma equipe sanitária para os acampados, espaços de desenho e pintura para as crianças enquanto os pais participavam das assembleias.

Foram convidados conferencistas sobre a crise econômica, os cortes sociais, a América Latina e as mobilizações nos países árabes. Nos debates participavam cidadãos com terno e gravata, que retornavam do trabalho, para escutar e participar. O movimento é seguro, decidido, e expressa o amadurecimento do movimento operário e do conjunto da população. À noite, as assembleias liam as propostas das reuniões; em Madrid chegaram a participar de 10 mil a 30 mil pessoas, sem incidentes. Votavam e decidiam com entusiasmo as resoluções das comissões.

Muitas frases de cunho anticapitalista compunham os cartazes: “**Se nos levarem nossos sonhos, não os deixaremos dormir.**”



Nossos sonhos não cabem nas vossas urnas!” Contra a corrupção nas instituições e nos Partidos: “**Não há pão para tanto salame (ladrões).**” Outra palavra de ordem: “**Os bancos nos roubam. Os políticos nos mentem. Os sindicatos nos vendem.**” Havia também contra os Bancos e o roubo das hipotecas: “**Teu botim é minha crise**”, com duplo sentido, pois Botin é o presidente do Banco Santander, dos mais poderosos da Espanha. Contra o capitalismo e os cortes na saúde, educação, habitação: “**Nosso futuro não se recorta. O funcionamento do sistema democrático é um obstáculo para o progresso da humanidade!**”. Organizou-se uma comissão de moradias para lutar contra os despejos dos bancos. Discutiu-se um fundo de moradias públicas expropriando apartamentos vazios e imóveis pertencentes aos Bancos; estes ficaram com vários deles, como produto da crise e do desemprego.

Expressava-se também a combatividade e a decisão de enfrentar o sistema: “**Se lutas, poder perder. Se não lutas, estás perdido. Perdemos o medo. Não somos anti-sistemas, somos muda sistemas. Nem um passo atrás. Agora a praça, amanhã as ruas, passado o mundo.**”

O chamado “Movimento de 15 de Maio” ou “Democracia Real Já!” tem um programa muito profundo e decidido: Contra os Bancos, pela defesa do Banco Público, contra os cortes salariais e a diminuição dos orçamentos da saúde e educação; trabalho e casa para todos, defesa dos direitos dos imigrantes, contra a corrupção nas instituições e nos Partidos Políticos, pela reforma da lei eleitoral, pela eliminação dos privilégios da classe política. À medida que se estendia a luta, vinham aposentados, famílias com crianças, profissionais, para aderir aos acampamentos, assinar adesão e dar dinheiro. Os cartazes nos carrinhos das crianças diziam: “**meus filhos vão lutar pela dignidade!**”. Esta luta tem sido uma luta pela dignidade, pelos direitos sociais, pela liberdade de se manifestar-se,

decidir sobre o futuro, construir uma sociedade sem privilégios. Este foi um exercício de funcionamento soviético, sem ainda uma participação massiva do movimento operário, sem poder de decisão, mas disputando com as instituições e a estrutura capitalista.

Estes protestos não nasceram agora, mas desde maio do ano passado, quando o Partido Socialista, submetendo-se às multinacionais, ao Banco Central Europeu e aos EUA impôs uma política de cortes sociais, redução de salários e demissões aos empregados públicos, congelamento de pensões e aprovou uma reforma trabalhista com a cumplicidade dos grandes sindicatos (CCOO e UGT), que flexibilizou mais a contratação.

Esta onda de indignação foi alimentada pelo processo na América Latina e pelas recentes mobilizações nos países árabes. Todas as praças continham uma zona chamada Praça Tahrir em homenagem à luta do povo egípcio. Outro setor se autodenominava Praça Palestina ou Praça Islandia. Por outro lado, tudo isto expressa a crítica aos Partidos tradicionais da esquerda que abandonaram seus princípios, aos sindicatos que traíram a classe operária, desmobilizando-a. O programa era contra o capitalismo. O sistema foi pego de surpresa pelo duplo poder e não ousou reprimir para não piorar. Os policiais diziam: “como vamos reprimir, se temos os mesmos problemas de hipoteca, nos reduziram o salário e nem chegamos ao fim do mês”. O movimento de massas sempre abala até os que têm a função de defender o sistema.

Mesmo que não se mantenha permanente este nível de participação, ficará na consciência dos jovens que a ocupação das praças forma uma disputa com os poderes e a estrutura capitalista e que aí se discutiram as propostas e o programa para mudar a sociedade. Isto será decisivo para preparar as próximas lutas. Acaba de ser convocada a 10ª greve geral na Grécia contra o aumento dos cortes e privatizações. Houve greve geral em Portugal e mobilizações importantes na Inglaterra, França e Itália. O sistema vaza por todos os lados.

Se o Caracazo ganhou a Chávez e grande parte do exército venezuelano, abrindo o processo revolucionário no país e na América Latina, se a mobilização de 2001 na Argentina conduziu o governo de Kirchner ao processo dirigido pela esquerda peronista com ampla participação juvenil, como pensar que estas mobilizações se apagarão sem deixar rastros? Isto se expressará brevemente e estimulará a vanguarda operária a seguir o exemplo da juventude, passando por cima dos aparatos, das direções conciliadoras e, junto ao resto do povo explorado encontrarão o caminho, as formas, os órgãos para aplicar o programa das transformações sociais na Espanha, na Europa e no mundo em uma Assembleia que diga “Basta ao capitalismo!”, “Basta a pisotear nossos direitos e conquistas!”. Porque todos os jovens junto à população saíram a defender a transformação social, por uma sociedade melhor. ●

Homenagem a Theo Melville



No início deste ano 2011, faleceu o camarada **Theo Melville**, a quem rendemos nossa profunda homenagem pelo exemplo de sua vida digna, de revolucionário dedicado à bat-

talha das idéias e das ações imprescindíveis ao combate das atrocidades e injustiças do império capitalista britânico e mundial. Desde a sua juventude, aos anos transcorridos como professor de história de arte de Nottingham a Birmingham, acompanhou a luta dos estudantes em Londres, dos operários metalúrgicos de Sheffield, estimulou a concepção do internacionalismo, intervindo na união com os trabalhadores da Bélgica, particularmente do pólo industrial de Charleroi, e batalhou incansavelmente contra a guerra imperialista da qual foram e continuam sendo cúmplices os governos ingleses, conservadores e trabalhistas reformistas.

Theo Melville, após levar uma militância escrevendo para a "Revista Socialismo Internacional" entre os anos 51 e 61, foi um dos principais quadros fundadores da seção inglesa da **IV Internacional Trotskista-Posadista**, que lançou o jornal "Red Flag" em 1962. Theo Melville manteve a continuidade desta publicação, instrumento de debate e formação teórica marxista para impulsionar o Partido Comunista, a esquerda do Partido Trabalhista Inglês, a corrente classista dos sindicatos da Trade Union, ao longo de muitas décadas. Acompanhou ao já falecido dirigente J. Posadas em várias viagens culturais na Inglaterra, desde Greenwich a Stonehenge, contribuindo para que seu mestre pudesse elaborar e deixar obras inauditas de interpretação marxista da história da cultura humana.

Hoje, a luta das massas inglesas contra a guerra da OTAN, e as gigantescas mobilizações dos "Indignados" na Espanha, na Grécia e na Europa mostram que a sua luta não foi em vão, e que a sua indignação constante contra as atrocidades do capitalismo inglês, e a perseverante crítica objetiva à inoperância dos aparatos sindicais, do Partido Trabalhista estão presentes como nunca. **Theo Melville** em certo sentido foi vítima das pressões deste capitalismo vil (o mesmo que matou nosso jovem brasileiro Jean Charles de Menezes), pois poderia ter vivido muito mais, como muitos companheiros e companheiras que faleceram precocemente por enfermidades, mas teve a felicidade de lutar pelo socialismo e ver renascer após a queda da Urss, uma América Latina combativa dos últimos tempos, com a "espada de Bolívar" empunhando a esperança da soberania e da justiça social dos povos do mundo, e fazendo emanar a idéia de uma "Nova Internacional" comunista. Seja qual sejam as circunstâncias, as perdas de companheiros revolucionários nos não de deixar sempre a conclusão: "a vida sem a luta pelo socialismo, não tem sentido!". Theo deu um sentido revolucionário digno à sua vida até o fim de suas energias, e com o seu exemplo e dedicação, reforçou em todos nós, seus companheiros, os ideais revolucionários de nossas vidas. Obrigado Theo! Valeu! ●

MULHERES NO IRÃ (Vem da página 12)

amamentação e para isso concede um horário livre à mãe, de 2 a 3 horas durante o trabalho, pelo período de até 2 anos após o nascimento da criança, sem reduzir o seu salário.

Todas estas são conquistas depois da revolução liderada por Komeini, e afirmadas nos últimos anos em meio a pressões do imperialismo, a uma guerra e a uma luta interna com setores conservadores. Antes, elas eram consideradas mulher-objeto, e as que se projetavam eram mulheres de ministros e pertencentes às camadas mais ricas.

Sobre o uso do véu ou da vestimenta (hijab) das mulheres iranianas explicam que não é verdade que isso represente uma limitação. Houve um plebiscito e 98% votou a favor do uso do "hijab". "A maioria das mulheres do Irã não sente a obrigatoriedade do uso do véu como uma limitação, ao contrário, isso lhes dá paz e proteção. Não é uma limitação, mas um fator positivo". Antes da revolução já usavam o hijab. Antes não permitiam ela escolher a vestimenta. Na época da guerra muitas mulheres usavam o hijab. E foi com o véu que as mulheres participaram da revolução contra a ditadura do Xá e depois, armadas, muitas participaram da guerra contra o Iraque, que era apoiado pelos EUA. As mulheres que trabalham na área médica e desportiva usam o hijab, e nunca sentiram isso como um problema. As desportistas iranianas registraram excelentes desempenhos nos jogos olímpicos asiáticos.

Maryam Mojtahedzadeh declarou que confiam na continuidade de um processo de integração entre o Brasil e o Irã, "apesar de que há inimigos que não querem". Cita o exemplo do caso Sakineh: "é um processo que corre desde 5 anos atrás. A condenação seria para garantir a segurança dos homens" (ela assassinou barbaramente o marido, esquartejando-o). "Há uma lei do código penal. O não cumprimento da lei causa um outro problema. Seja como for, os opositores criam um problema. O que o ocidente questiona é a forma de condenação. Sempre há uma minoria que quer desestabilizar com falsidades."

Sabe-se que em 30 anos de revolução, não houve nenhum caso de apedrejamento. O presidente Ahmedinejad bem respondeu que oca-



Centro de Defesa da Mulher e da Família

so de Sakineh está na área do poder Judiciário e não do Executivo. Os países do chamado Ocidente querem fazer disso um caso político para desestabilizar o seu governo. Na imprensa do país o caso de Sakineh não tem tanta difusão, como na mídia internacional e brasileira. O que comprova como o caso é artificialmente destacado aqui para envenenar as boas relações entre o Brasil e o Irã. Outra comprovação da fabricação interessada de inverdades é o caso da falsa notícia sobre a censura aos livros de Paulo Coelho; a delegação brasileira comprovou que há pelo menos 4 títulos expostos à venda em uma livraria visitada em Teerã.

Organização popular e sindical

Evidentemente, o sindicato não constitui uma tradição no país. Mas, sabe-se que na falta dele, as rezas de 6ª. feira nas mesquitas, têm sido lugar de reunião, de debate sobre vários temas econômicos, energéticos e até sobre os conflitos mundiais. Não tivemos a ocasião de presenciar, mas o presidente Ahmadinejad, trata de mobilizar a população realizando assembleias semanais em cada região, abertas ao público e mantê-la em ativa discussão sobre os problemas locais e nacionais, através de viagens e caravanas no interior do país. Isso tem estimulado as mulheres a ocuparem 68% dos bancos da universidade e a retomarem as manifestações, onde elas compõem a parte mais alegre e rumorosa. É verdade também que, por outro lado, como indica um debate oficial, somente 17% delas são absorvidas no mercado de trabalho. Há um fator cultural que induz a mulher a optar posteriormente pela dedicação às tarefas domésticas, ou ao trabalho artesanal e familiar como a tapeçaria, dado que o marido, em muitos casos, não permite que a mulher trabalhe num ambiente separado do núcleo familiar. Soma-se ao fato que há uma corrente privatizante na economia, regida por proprietários de fábricas, que corre contra as leis governamentais que exigem que

elas não fechem, nem diminuam o seu pessoal no arco de 5 anos. Muitas fábricas trabalham com a mínima produtividade, e até suspendem a atividade, sustentando uma política anti-governamental. Neste primeiro de maio, o ministro do trabalho ameaça renacionalizar as empresas que demitem os operários.

Sobre a participação da mulher no contexto atual da guerra

As mulheres iranianas tiveram uma ativa participação na guerra Irã-Iraque na defesa da pátria. Maryam Mojtahedzadeh afirma que a guerra entre o Irã e o Iraque não foi uma escolha do povo iraniano. Houve muitas mulheres que perderam maridos, filhos e familiares na guerra. Segundo ela, lutar na guerra para defender o país e o povo é um caminho sagrado. Ela mesma tinha, nessa época, 22 anos e perdeu um filho de um ano e meio na guerra e diz que daria a sua vida em outra guerra se necessário. Durante a guerra muitas mulheres estavam na retaguarda preparando coisas necessárias, eram enfermeiras sob os tiros de canhão, à mão desarmada contra os tanques que invadiam as cidades. Elas nunca vacilaram em bendizer seus filhos e enviá-los para a guerra, para defender o Islam e a revolução com Khomeyni. Existe um Centro de Mártires da Guerra (há em várias cidades do país) que dá ajuda financeira estatal às mulheres viúvas dos combatentes. Maryam recordou que hoje em dia há vários países muçulmanos que podem se unir para lutar contra os invasores das casas em Bharein que estão espancando mulheres. O que dizem os defensores dos "direitos humanos" no Ocidente sobre isso? Isso corresponde a milhões de apedrejamentos. Confirma-se, mais esta vez, que as mulheres do Irã estão dispostas a lutar até as últimas consequências diante da ameaça intervencionista e guerreira contra o Irã, na defesa dos reais direitos humanos e da soberania do seu país.

A delegação agradeceu o troféu que lhe brindou o Centro de Defesa da Mulher e da Família junto à Presidência do Irã, denominado: "Transmissores da Verdade". O recado era: "Basta que digam a verdade sobre o que viram no Irã".

Brasília, 26 de abril de 2011

[De 11 a 19 de abril, um grupo de jornalistas de TVs comunitárias e educativas, e blogueiros independentes viajou a Teerã, Shiraz, Isfahan e Yazd para conhecer a realidade iraniana]

A participação da mulher e os direitos humanos no Irã

A questão dos direitos humanos no Irã, com um dos focos na questão “mulher” no Irã ocupou, nos últimos tempos, vários espaços dos grandes meios de comunicação, a ponto de levar esse país, injustamente, ao banco dos réus da ONU, com o surpreendente alinhamento do governo brasileiro no voto condenatório. Isso, poucos dias antes da chegada de uma delegação de 8 brasileiros, composta de jornalistas, produtores de TVs comunitárias e educativas, escritores e blogueiros, ávidos a conhecer a vida, a cultura e a história deste pequeno e grande herdeiro do antigo império persa, berço de tantos patrimônios culturais da humanidade.

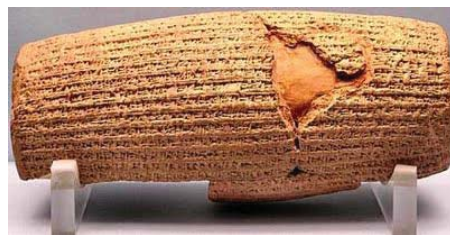
Ao se defrontar no longo percurso realizado desde Teerã, a Shiraz, Persépolis, Isfahan a Yazd, com um povo culto, respeitador, comunicativo e solidário, livre, alegre, incluindo todas as mulheres com o *hijab* (véu) na cabeça, e ao visualizar cidades organizadas, limpas, sem favelas, nem mendigos nas ruas, o sentimento inicial, como brasileiros, foi de desculpar-se perante este povo e seu governo pela injusta e equivocada posição do Brasil na ONU, que feriu todos os esforços de integração Brasil-Irã levados nos últimos anos pelo governo Lula. Lamentável a concessão à falsa ladainha midiática dos “direitos humanos” tocada pelos Estados Unidos e Israel, promotores de guerras, massacres, e exemplares transgressores dos direitos humanos da legalidade internacional da própria ONU. (1)

Os direitos humanos no que concerne a vida do trabalhador, do jovem, das mulheres, crianças e anciãos iranianos são razoavelmente respeitados e como! Desde 1979, após 32 anos da Revolução Iraniana iniciada com Komeyni e continuada com Ahmanidejad, o Irã, com o petróleo nacionalizado, adquiriu um alto desenvolvimento tecnológico no campo aeroespacial, automotor, na indústria

farmacêutica, implementou medidas sociais, de educação, saúde e moradia que tendem a se elevar visivelmente. Quase 90% de seu povo é alfabetizado; há 400 universidades, 50 mil universitários por 1 milhão de habitantes (o dobro do Brasil), 3,5 milhões de universitários, dos quais 68% são mulheres (na época do Xá eram somente 5% e as mulheres maquiadas eram malvistas, chamadas de prostitutas pela moral de então. Isto tudo foi superado).

A participação da mulher no Irã

Dado que um dos focos da vergonhosa campanha internacional contra o Irã é a questão dos direitos da mulher, vale a pena relatar algumas constatações em loco. A visita cultural no Irã nos permitiu colocar uma luz de objetividade na sublime participação da mulher na história da humanidade como ela merece, e não com a vulgarização



O Cilindro de Ciro

dos seus direitos que respondem a um protótipo de mulher fabricado no mercado capitalista. Já o famoso cilindro de Ciro (559 a 530 a.c.) trazido do Museu Britânico ao Museu Nacional do Irã em exposição nos últimos meses, nos permitiu constatar uma carta milenar dos direitos humanos na raiz deste povo, no longínquo império persa. A lição de história na visita realizada a Persépolis berço da dinastia dos Aquemênidas, nos diz que na época de Dario, a mulher jogou um papel central nesse período: eram supervisoras, conselheiras do comando naval e membros do Conselho de guerra.

Nas fases posteriores ao estabelecimento do islamismo, nas mesquitas e palácios de Isfahan, durante a dinastia de Safavid, se denotam a harmonia, a inteligência embutida no renascimento islâmico, onde se combinam arte e capacidade técnico-científica, com pinturas coloridas de mulheres que refletem relações sociais harmoniosas e relativa igualdade de gênero. Na história do



Mahdiah Jamshidi, Diretora da Secretaria de Cultura de Yazd.

islamismo na Pérsia não se sente o mesmo peso da igreja medieval católica romana, sob a égide do obscurantismo e da inquisição, com rostos de mulheres perseguidas e submetidas. Hoje, por exemplo, no Irã islâmico e em transformação, não há impedimentos para a realização de pesquisas com células troncos. Isso, superado um dos períodos mais tenebrosos no Irã que foi o da dinastia do Xá Reza Palevi. Nos suntuosos palácios de inverno e verão da família do Xá (hoje museu, aberto ao público), se espelhava o individualismo, a repressão contra o povo, e o “direito humano e exclusivo” da mulher do Xá.

Os direitos da mulher, a sua participação dirigente na sociedade, latentes no ancestral império persa, renasceram através da revolução de Komeyni.

Visita ao Centro de Defesa da Mulher e da Família junto à Presidência da República

A delegação brasileira foi recebida pela Presidenta do Centro de Defesa da Mulher e da Família, Maryam Mojatahedzadeh, Conselheira do Presidente da República que, junto com Maryam Arshadi, Secretária de Relações Públicas do Centro expuseram a situação atual da mulher no Irã. Colhemos também depoimentos de Mahdiah Jamshidi, Diretora da Secretaria de Cultura de Yazd.

O Centro foi fundado em 1988. A partir de 1990, a Diretora passa a ser membro da Secretaria da Presidência. Depois disso foram escolhidas Conselheiras do Ministério da Mulher para defender os interesses da mulher. Qualquer decisão passa por essas Conselheiras. Há mecanismos em todas as cidades e províncias onde as Conselheiras intervêm em problemas educacionais. Há 148 versos do Alcorão que compreendem 700 páginas sobre os direitos da mulher na sociedade iraniana.

O Centro focaliza o papel da mulher como mãe e impulsiona a sua função dirigente na família para ser útil na sociedade. Nos tribunais há conselheiras para ajudar em casos de divórcio na reconciliação das famílias. No caso de divórcio se asseguram direitos financeiros à mulher, como o valor chamado “mahrieh” (afeto) estabelecido por contrato matrimonial, resgatável em extrema necessidade, mesmo sem separação. Há também intervenções contra a violência à mulher sobretudo nos extratos mais baixos da população, nos subúrbios das cidades, onde a ausência de uma erradicação completa da exploração econômica burguesa se faz sentir, e as mulheres são ainda as primeiras vítimas. Mesmo que as mulheres não estejam segregadas por razões legais como na Arábia Saudita. Há uma luta contra a máfia dos taxistas que exercem a violência contra a mulher. De toda forma, na balança dos desiguais e combinados, há um grande estímulo ao protagonismo feminino, sob a gestão de Ahmadinejad. Há mulheres taxistas, motoristas de ônibus, caminhões e dirigentes de fábrica.

Nos locais visitados como uma Clínica Oftalmológica, escritórios da Press TV, a maioria do pessoal era de mulheres. Há muitas mulheres na área da engenharia, da pesquisa aero-espacial e médica. Na agricultura aumentou de 35% a participação das mulheres, e de 39% em trabalhos de engenharia e agricultura (de 1976 a 2006). Nos serviços públicos aumentou 41% e nas áreas governamentais, 77,5%. O número de cooperativas de mulheres, aumentou de 958% (de 1986 a 2006). Nos trabalhos técnicos e científicos, 140% de 1976 a 2006.

A Presidenta do Centro de Defesa da Mulher e da Família, Maryam Mojatahedzadeh destacou que “a mulher iraniana cresceu muito na produção de pensamento e idéias”. Há 7 mulheres deputadas e uma Ministra da Saúde. Sabemos que deveriam ser elegeras outras 2 ministras indicadas pela Presidência, mas foram cortadas pelos setores conservadores do Parlamento. Há 15% de mulheres em postos importantes do governo. Há várias mulheres dirigentes de empresa. De fato, é notável que sob o *hijab* na cabeça das mulheres, não há rostos submissos, mas olhares inteligentes e participativos. O salário da mulher trabalhadora é igual à do homem. É proibida a demissão da mulher grávida; 6 meses de licença maternidade com salário integral; o estado reconhece a função social da

(continua na página 11)

(1) No momento da edição deste jornal, após 3 meses desta viagem ao Irã, houve uma positiva mudança de posição da presidenta Dilma em relação à questão dos direitos humanos no Irã: ela recusou-se a receber Shirin Ebadi, advogada iraniana, que recebeu o suspeito Premio Nobel da Paz em 2003, sendo dissidente e opositora de Ahmadinejad e da revolução, e aliada dos governos dos EUA e da Inglaterra.